

REDES DE APOIO SOCIAL E AFETIVO DE CRIANÇAS  
EXPOSTAS A SITUAÇÕES DE RISCO

MARTHA M. WANKLER HOPPE



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Fevereiro, 1998

REDES DE APOIO SOCIAL E AFETIVO DE CRIANÇAS  
EXPOSTAS A SITUAÇÕES DE RISCO

MARTHA M. WANKLER HOPPE



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Fevereiro, 1998

REDES DE APOIO SOCIAL E AFETIVO DE CRIANÇAS  
EXPOSTAS A SITUAÇÕES DE RISCO

Martha M. Wankler Hoppe

Dissertação apresentada como exigência parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
sob orientação da  
Profa. Dra. Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRGS  
BIBLIOTECA

## AGRADECIMENTOS

Ao Marco André Hoppe pelo estímulo e carinho com que acolhe minhas iniciativas.

Aos meus filhos Mariana e Augusto pela compreensão de esperar para receber atenção.

À professora Dra. Sílvia Helena Koller pela orientação e estímulo na busca de soluções aos desafios apresentados.

Ao professor Dr. Cláudio Hutz pela atenção nos momentos de dúvida.

À Fernanda Borges de Medeiros e Clarissa De Antoni pela dedicação constante e sugestões ao trabalho.

Às demais colaboradoras que auxiliaram no levantamento de dados, Paula Costalunga Lima e Laura Sachett.

Às professoras Marcela Raffaelli e Zélia Biasoli Alves pelas sugestões e orientações ao projeto.

Aos professores Cátia e Fábio Wankler pelo carinho, atenção e comentários ao texto.

À Carmem Wankler pelo apoio em momentos importantes.

Aos meus pais Lauro e Lêda Wankler, pela dedicação e disponibilidade.

À direção e professoras das escolas estaduais Cândido Portinari e Emílio Massot que acolheram a equipe de pesquisadores.

Às crianças que participaram deste estudo pela disposição e colaboração.

Aos pais que concordaram com as entrevistas, confiando seus depoimentos.

Aos amigos do CEP-RUA pelo companheirismo demonstrado.

## SUMÁRIO

	Página
Sumário de Tabelas.....	5
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Capítulo	
I INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Risco, Vulnerabilidade, Resiliência e Mecanismos de Proteção.....	10
1.2 Abordagem Ecológica do Desenvolvimento.....	13
1.3 Redes de Apoio Social e Afetivo.....	16
1.3.1 Conceitualização de apoio social.....	17
1.3.2 Apoio Social e Processos Afetivos.....	19
II MÉTODO.....	24
2.1 Participantes.....	24
2.2 Material.....	28
2.3 Procedimentos.....	30
III RESULTADOS.....	32
3.1 Redes de Apoio Social e Afetivo: Mapa dos Cinco Campos.....	32
3.1.1 Estrutura.....	32
3.1.2 Funcionalidade.....	36
3.2 Inventário sobre Ocorrência de Riscos na Vida da Criança e da Família.....	47
3.3 Entrevista com a criança.....	49
3.4 Entrevista com a mãe ou cuidador.....	51
IV DISCUSSÃO.....	57
4.1 Estrutura das Redes de Apoio Social e Afetivo.....	57
4.2 Funcionalidade das Redes de Apoio Social e Afetivo.....	58

4.2.1 Vínculos Afetivos na Família e em Outros Ambientes.....	58
4.2.2 Como a Criança Percebe os Riscos: Contatos Negativos, Conflitos, Rompimentos e Insatisfações.....	61
4.2.3 Diferenças de Gênero.....	64
4.2.4 Relação entre as Redes de Apoio Social e Afetivo, Fatores de Risco e de Proteção.....	66
4.3 Conclusões.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72
Anexos.....	77
Anexo I Mapa dos Cinco Campos.....	77
Anexo II Representação de figuras a serem fixadas no quadro de feltro.....	82
Anexo III Entrevista com a Criança.....	83
Anexo IV Entrevista com a Família.....	84
Anexo V Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco.....	87
Anexo VI Caso 1 .....	88
Anexo VII Caso 2 .....	91

## SUMÁRIO DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Frequência e percentual de dados demográficos das crianças.....	25
Tabela 2. Média de renda familiar e idade dos pais e percentual de dados sócio-demográficos de mães e pais.....	26
Tabela 3. Percentual e média de dados sobre vínculo empregatício e percentual por profissão para mães e pais.....	27
Tabela 4. Frequências e médias do número de pessoas citadas por sexo .....	33
Tabela 5. Correlações entre os totais do mapa por campo .....	34
Tabela 6. Frequências e percentuais da ordem de escolha dos Campos.....	35
Tabela 7. Estatísticas descritivas para os fatores de proximidade por sexo .....	36
Tabela 8. Correlações entre fatores de proximidade médios por Campo .....	37
Tabela 9. Percentual do fator de proximidade com mãe e pai biológicos .....	38
Tabela 10. Percentual do fator de proximidade em famílias com mãe e pai biológicos por sexo... ..	39
Tabela 11. Percentual do fator de proximidade em famílias com mãe biológica e padrasto por sexo.....	40
Tabela 12. Percentual do fator de proximidade em famílias com um único pai ou mãe por sexo.....	41
Tabela 13. Frequências e médias de contatos negativos por sexo.....	42
Tabela 14. Proporção de crianças que apresentaram pelo menos um contato negativo no Mapa, por sexo.....	43
Tabela 15. Proporção de crianças que apresentaram pelo menos um conflito no Mapa, por sexo.....	44
Tabela 16. Proporção de crianças que apresentaram pelo menos um rompimento no Mapa, por sexo .....	45
Tabela 17. Proporção de crianças que indicaram insatisfação nos Campos, por sexo .....	46
Tabela 18. Cruzamentos entre o total de rompimentos, conflitos e contatos negativos .....	47

Tabela 19. Frequências múltiplas e percentual para eventos de risco na vida da criança e família .....	48
Tabela 20. Frequência e percentual de eventos de vida positivos identificados pela criança .....	49
Tabela 21. Frequência e percentual de eventos de vida negativos identificados pela criança .....	50
Tabela 22. Percentual de variáveis ligadas à vitimização em relação ao agressor, identificadas pelas crianças .....	51

## RESUMO

A teoria ecológica enfoca o desenvolvimento da criança, o contexto e processos envolvidos, numa perspectiva temporal. A resiliência, ou manutenção de uma adaptação positiva apesar dos riscos, depende das condições individuais, coesão familiar e formação de redes de apoio social e afetivo. Este estudo investiga as redes de apoio social, sob a perspectiva das crianças e familiares utilizando o Mapa dos Cinco Campos e entrevistas. Foi realizado um levantamento dos fatores de risco. Participaram 40 crianças entre sete e nove anos, de escolas da Rede Pública. Vinte mães e um pai foram entrevistados sobre o relacionamento e contexto familiar. O mapa mediu o tamanho das redes de apoio, o fator de proximidade com as pessoas citadas, presença de conflitos, contatos negativos e insatisfação nos campos. O fator de proximidade foi associado nos campos família e vizinhos/amigos; parentes e escola; parentes e vizinhos/amigos; escola e contatos formais. Constatou-se um elevado índice de riscos no ambiente das crianças, identificados pela violência na família e vizinhança, separações conjugais, problemas de moradia, morte e desemprego. O Mapa dos Cinco Campos fornece dados importantes acerca da percepção da criança sobre seu mundo social. A análise do contexto auxiliou na compreensão das informações trazidas pelas crianças.

## ABSTRACT

The ecological system theory postulates about the context, process and cronological model of the child's development. Resilience, or the maintenance of positive adaptation despite the adversities, depends on the individual conditions, family cohesion and the development of social support. To understand the viewpoint of the children and their family about social support, the Five Field Map and Interview were used. Also, a survey of risk factors was done. A school class of 40 between seven and nighth-year-old, low socio economic status children, was tested. Also, 21 parents (20 mothers and one father) were interviewed to better understand the family relationships and their context. The map measured the number of relevant people, closeness factor, conflicts, negative contacts, broken relationships and dissatisfaction. The closeness factor was associated with the family and the friend/neighbour; the relatives and school; the relatives and the friend/neighbour; and the school and formal contacts field. High levels of risks were founded on the children's environment, such as violence in the neighbourhood and within the family, divorce, problems at home, death, and unemployment. The Five Field Map is useful to evaluate important contents about how children perceive their social world. The analisis of context contributed to understand children's communications.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

Durante as últimas quatro décadas as pesquisas em desenvolvimento têm enfatizado a importância das experiências adversas na infância e sua repercussão no funcionamento psicológico na vida adulta. Na década de cinquenta, afirmava-se que vivências de privação nos primeiros anos de vida geravam conseqüências patológicas irreversíveis. Esta visão foi sendo modificada nas décadas seguintes e chegou-se a afirmar que as seqüelas de longo prazo seriam raras na ausência de um fator de *stress* posterior. Estes estudos não incluíam, como estratégia de pesquisa, a avaliação dos contextos, seu impacto na mediação dos fatores de risco, e a interação de outros mecanismos indiretos que poderiam operar no aumento da vulnerabilidade e surgimento de sintomas psicopatológicos (Rutter, 1991).

A visão tradicional do desenvolvimento da personalidade foi sendo modificada por estudos longitudinais, que ofereceram maiores subsídios para a compreensão dos fatores que operam tanto na direção do desajuste na vida adulta, quanto na adaptação bem sucedida nas diversas áreas de realização. Inicialmente, pode-se apontar a importância do ambiente ecológico e a constatação de que muitos comportamentos estão relacionados ao contexto em que ocorrem (Bronfenbrenner, 1979). As experiências vividas na infância nem sempre determinam comportamentos posteriores; muitos fatores de interação participam no desenvolvimento, como os processos cognitivos, características de temperamento, além dos vínculos sociais ligados à família e outras redes de apoio (Garmezy & Masten, 1985; Rutter, 1985, 1987).

A noção de continuidade e descontinuidade nos processos de desenvolvimento ao longo da vida foi apontada a partir de estudos longitudinais em populações atípicas. Os estudos de estados atípicos, como crianças que vivem institucionalizadas, em situação de rua ou extrema pobreza, informam sobre a extensão pela qual, princípios derivados de estudos com populações típicas são universalmente mantidos, mesmo ao extremo, e podem gerar prejuízos na compreensão real destas populações (Burack, 1997).

No Brasil, as crianças que vivem em condições de miséria, enfrentam situações de risco em maior número e intensidade do que crianças de classe média. Koller e Hutz (1996) levantam

dados sobre os problemas enfrentados por meninos e meninas de rua, mais citados na literatura: uso de drogas, promiscuidade, doenças sexualmente transmissíveis, exclusão e marginalidade. Crianças que vivem nas ruas estão sob um risco maior se comparadas àquelas que apenas trabalham nas ruas, mas vivem em casa (Raffaelli, 1996). Entretanto, as crianças que convivem com suas famílias são afetadas, direta ou indiretamente, pelos mesmos problemas, além de estarem expostas a um nível considerável de violência ambiental e familiar. Muitos meninos saíram de suas casas para a rua, justificando a busca de liberdade devido a problemas de relacionamento familiar, exposição a abuso físico ou sexual (Reppold, Kuschick, Dani, Raffaelli, & Koller, 1996). Tendo em vista o desenvolvimento do indivíduo em seu contexto, buscou-se com este estudo investigar as redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco, e as relações entre estas redes e o grau de risco aos quais as crianças estão expostas. Este estudo faz parte do Projeto Resiliência e Vulnerabilidade de Crianças em Situação de Risco, desenvolvido pelo CEP-RUA (Koller & Hutz, 1996, projeto em andamento), junto às escolas da Rede Pública.

### 1.1 Risco, Vulnerabilidade, Resiliência e Mecanismos de Proteção

A definição de risco tem sua origem no comércio marítimo da antigüidade. Os prejuízos decorrentes da mortalidade e outras catástrofes naturais eram negociados nos custos das mercadorias, gerando o aumento do seguro das cargas (Cowan, Cowan, & Schulz, 1996). No campo da epidemiologia, eram documentados os padrões de saúde e doença das populações e os fatores de influência. Os epidemiologistas procuravam saber por que as doenças surgiam. Dentro da epidemiologia das doenças mentais, a condição de risco para o surgimento de distúrbios psicológicos foi investigada em estudos longitudinais; risco passou a ser considerado considerado sinônimo de *stress* (Cowen, Work, & Wyman, 1997; Garnezy, Masten, & Tellegen, 1984; Rutter, Quinton, & Hill, 1992; Werner, 1989). Estes estudos revelaram que o maior risco para a criança reside no acúmulo de adversidades que existem em muitas famílias, de forma mais evidente nos ambientes de extrema pobreza. Nestes contextos, cresce a possibilidade de conflitos familiares, separações, cuidado inadequado à saúde e educação dos filhos, desemprego e baixo *status* ocupacional, precárias condições de assistência social e de moradia, entre outros. A partir destas pesquisas que enfocaram o desenvolvimento ao longo da vida, a visão linear de causa-e-efeito gerado pelo risco, foi gradualmente substituída pelo enfoque dinâmico e transacional. Apesar de muitos fatores de risco apresentarem-se relativamente estáveis ao longo do tempo,

como o nível sócio-econômico e desvantagens educacionais, outros flutuam através das mudanças nas condições de vida (Cowan, Cowan, & Schulz, 1996).

Nas duas últimas décadas, a Psicologia do Desenvolvimento tem focado as condições de vida de pessoas que, mesmo enfrentando situações de alto risco, conseguiram desenvolver-se de forma bem adaptada, tornando-se adultos relativamente saudáveis (Werner & Smith, 1992). As áreas de Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento enfocam os efeitos e as conseqüências dos fatores de risco ao longo da vida, através da identificação de crianças vulneráveis e resilientes. Estudos pioneiros sobre resiliência foram conduzidos por Rutter (1985, 1987), Garmezy (1984, 1985) e Werner (1989) em pesquisas longitudinais.

O termo *vulnerabilidade* é utilizado para definir predisposições individuais para o desenvolvimento de psicopatologia ou comportamento desadaptado. Rutter (1987) define o termo como alterações aparentes no desenvolvimento físico e/ou psicológico de uma pessoa, que se submeteu a situações de *stress* ou fatores de risco. Tais alterações ficam evidentes na trajetória de adaptação da pessoa, podendo torná-la suscetível a apresentar sintomas e doenças. Algumas condições como temperamento e carga genética contribuem para a vulnerabilidade de crianças que vivem em condições ambientais de elevado *stress*. Em muitos casos, estes fatores potencializam o efeito do risco (Rutter, 1985).

*Resiliência* caracteriza indivíduos que conseguiram combater ou restabelecer-se de infortúnios (Zimmerman & Arunkumar, 1994). Rutter (1985) define o termo como a capacidade dos indivíduos em emitir uma ação com um objetivo definido e com uma estratégia de como alcançá-lo, diante de uma situação de risco. Posteriormente, Rutter (1993) alerta para o perigo da utilização do termo como uma “química do momento”: os processos envolvidos não geram efeitos imediatos, o fenômeno da resiliência deve ser compreendido pela consideração de fatores anteriores e posteriores às circunstâncias vividas, numa abordagem transacional e longitudinal. Werner e Smith (1992) referem-se às crianças resilientes, como aquelas que conseguiram enfrentar com sucesso os fatores de risco biológicos e sociais. Garmezy (1996) constrói uma definição de resiliência a partir da exposição de adultos e crianças a fatores de risco. Alguns indivíduos, desenvolverão doenças ou distúrbios em conseqüência dos riscos, tornando-se vulneráveis; outros, em muitos momentos, irão superar as adversidades e adaptar-se de forma bem sucedida, tornando-se resilientes.

Luthar (1995) enfatiza que resiliência é um construto dinâmico e relativo, e sugere que seja definido em consonância com contextos sócio-culturais, conforme proposto por Bronfenbrenner

(1989, 1993). Pesquisas que enfocam fatores de resiliência devem incluir a avaliação do risco ou eventos de vida, do ponto de vista da criança ou família, assim como os recursos que utilizam para lidar com estas demandas (Luthar & Zigler, 1991). As pesquisas em resiliência, conforme propõe Luthar (1993), devem focar diferentes domínios de competência: acadêmica, social e emocional. A criança pode ser resiliente em um destes contextos e vulnerável em outro. Esta visão enfatiza o efeito de interação de fatores protetivos, que operam como mediadores da situação de risco, em determinado contexto ou momento de vida.

Rutter (1985, 1987) define os *mecanismos de proteção* como fatores ou processos que reduzem o impacto do risco e exercem efeitos positivos na saúde mental do indivíduo. Estes mecanismos podem operar como pontos de apoio para a mudança da trajetória de vida, das situações de risco para uma adaptação bem sucedida, facilitando a resiliência.

Um importante estudo conduzido durante 32 anos por Werner (1989) na ilha de Kauai, no Hawaii, mostrou que um terço do grupo de *cohort*\* original foi considerado de alto risco devido à exposição a adversidades crônicas. As crianças consideradas de alto risco experimentaram grau severo de *stress* peri-natal, viveram em ambiente de extrema pobreza, foram criadas por mãe de baixa escolaridade, em famílias marcadas por conflitos, separações e abandonos, com pais alcoolistas ou doentes mentais. Apesar do efeito cumulativo destes fatores de risco, Werner e Smith (1992) observaram que uma de cada três crianças de alto risco desenvolveu-se de forma adaptada e bem sucedida. Quando estas crianças tornaram-se adultos jovens resilientes, três fatores de proteção foram observados. O primeiro foi relacionado às condições individuais, tais como temperamento e habilidades adquiridas através do aprendizado e das experiências. Habilidades relacionadas ao nível intelectual, de atividade e de sociabilidade, foram identificadas, assim como a capacidade de solução de problemas e competência no domínio social e acadêmico. O segundo fator de proteção foi associado ao desenvolvimento e à manutenção de laços afetivos, que proviam apoio cognitivo e emocional para a criança, mesmo quando submetida a condições estressantes. Estavam relacionados aos vínculos positivos nas famílias em que viviam, mesmo sob condições de risco. O terceiro fator correspondeu ao apoio social externo proveniente de pessoas significativas na vida da criança. Este apoio poderia partir de indivíduos, de instituições dentro de comunidades como escolas, igrejas e outros grupos de ajuda aos quais as crianças estavam filiadas.

---

\* *Cohort*: agregação de pessoas nascidas durante o mesmo período histórico (Craig, 1996).

A capacidade de estabelecer e manter vínculos afetivos dentro e fora da família, que proporcionam segurança emocional em momentos de *stress* e sejam fonte de confiança e bem-estar social, foi um fator de proteção para estas crianças. Estes achados reforçam as afirmações de Masten e Garmezy (1985) sobre os três aspectos de proteção responsáveis pelo desenvolvimento bem sucedido de crianças em situação de risco pessoal e social: (1) características de personalidade, tais como autonomia, auto-estima e orientação social positiva; (2) coesão familiar e ausência de conflito; e, (3) disponibilidade de sistemas externos de apoio, que encorajam e reforçam a capacidade da criança para lidar com as circunstâncias de vida. Posteriormente, Garmezy (1996) salienta a perspectiva interna e externa do desenvolvimento na avaliação do potencial de proteção destes fatores. Faz uma listagem dos fatores de proteção mais pesquisados: (1) constância e permanência no cuidado à criança; (2) habilidades para a solução de problemas; (3) empatia no relacionamento com amigos e adultos; (4) manifestação de competência e percepção de eficácia; (5) identificação com modelos adultos competentes; (6) engenhosidade e aspiração. Alguns destes fatores são observados no indivíduo de forma mais evidente, outros, dependem das condições externas pela sua relativa complexidade e heterogeneidade. Conclui que a condição de proteção se estende em função do grupo de variáveis citadas anteriormente, definidas pelas condições genéticas e constitucionais, disposições de personalidade, apoio afetivo e social na família nuclear e extensiva, e algum tipo de apoio social institucional (Garmezy, 1996).

## 1.2 Abordagem Ecológica do Desenvolvimento

O modelo ecológico serve como método para a compreensão da influência dinâmica de múltiplos fatores no desenvolvimento da criança. Para esta perspectiva, o ambiente da criança é visto como um contexto compreendido por diversos níveis que ocorrem simultaneamente (Bronfenbrenner, 1979). Estes níveis correspondem a um sistema de estruturas agrupadas, interdependentes e dinâmicas, que vão desde o contato mais íntimo da criança com o responsável pelos seus cuidados, até ambientes de contextos sociais mais amplos como a escola, vizinhança, classes sociais e culturais. Dentro deste enfoque, Bronfenbrenner (1988) propõe que o pesquisador concentre sua atenção nos processos que operam mudanças no desenvolvimento humano e que podem ser definidos através de mecanismos de diferentes tipos de funcionamento, em níveis distintos. O primeiro nível diz respeito ao efeito de influências proximais, ambientais e orgânicas que provêm do interior do indivíduo, de suas características físicas, de objetos e de

peças do ambiente imediato, que caracterizam a relação face-a-face. Esta dimensão corresponde à mais íntima interação pessoa-ambiente e foi denominada por Bronfenbrenner (1979) de *microssistema*. O conceito de microssistema estende-se para contextos que vão além da família, como a relação direta com o professor da escola ou colegas de aula. Progressivamente outros níveis hierárquicos são compreendidos: *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*. O *mesossistema* compreenderia os elos e processos entre dois ou mais ambientes, no qual a pessoa se desenvolve, ou seja, a interação entre os diversos microssistemas. Micro- e mesossistema correspondem a ambientes cujos níveis de relações são proximais, sua influência é mais evidente e de avaliação imediata. *Exossistema* envolve aspectos da comunidade no qual a criança e a família residem, numa configuração de mesossistemas. O *macrossistema* abrange os padrões dos respectivos micro-, meso- e exossistemas, o conjunto de ideologias, valores e organização de instituições sociais e comunitárias a uma particular cultura e/ou subcultura. Macrossistema e exossistema correspondem a ambientes de níveis de relações distais, nos quais a criança não participa diretamente e sua influência é indireta.

Bronfenbrenner (1988) define o desenvolvimento como apoiado em quatro níveis interrelacionados: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Este modelo teórico-metodológico foi introduzido para a investigação das causas e dos processos que influenciam o desenvolvimento. Primeiramente, considera essencial definir a pessoa cujo desenvolvimento está sendo investigado, suas características individuais, físicas e psicológicas. A seguir, propõe que o pesquisador avalie o *contexto* ou configuração ecológica em que o desenvolvimento ocorre, as pessoas presentes e seus papéis como fontes de apoio para o crescimento da criança. A análise do *processo* deve considerar o desenvolvimento ontogênico da criança. Neste sentido, a perspectiva do *tempo* torna-se importante, pois a cada avanço no seu processo evolutivo, a criança incorpora desenvolvimentos anteriores. A maneira pela qual os processos são conduzidos irá determinar futuras formas de adaptação (Cicchetti & Toth, 1997). Dentro da dimensão do tempo, Bronfenbrenner (1988) inclui o contexto histórico-cultural presente no período em que a criança foi avaliada. Muitos processos evolutivos apresentam influência de fatores desta ordem. Além disto, as experiências particulares de vida ou de transição, como por exemplo, nascimentos de irmãos e entrada na escola, devem ser consideradas na compreensão dos processos de desenvolvimento. A avaliação deve incluir períodos de curto e longo prazo, antes e depois destas experiências. Desta forma, Bronfenbrenner (1989) levanta a necessidade de identificar o impacto dos eventos de vida, isoladamente ou seqüencialmente, no decorrer do desenvolvimento. As

experiências envolvendo eventos de vida podem originar-se do ambiente (pobreza, desemprego) ou do organismo (como as transformações físicas da adolescência).

O desenvolvimento, para Bronfenbrenner (1989), é um processo no qual variáveis distais e proximais interagem nas propriedades do contexto gerando efeitos de segunda ordem, por exemplo, a relação diádica mãe-filho é influenciada por fatores diretos e indiretos que modificam as reações da criança, seu comportamento e conseqüentemente, seu desenvolvimento. Estes efeitos moderadores podem acarretar influências positivas e negativas. Outro exemplo, uma criança que passa a faltar à escola no período em que a mãe está hospitalizada. O motivo aparente é o desinteresse e a falta de um adulto que assuma os cuidados. Esta criança perde o ano letivo por abandono. No ano seguinte a mãe, já recuperada, é chamada pela professora para que estimule o filho nas suas atividades escolares e lhe ofereça mais atenção. A doença da mãe influenciou de forma negativa o desenvolvimento desta criança, por outro lado, com a participação da professora, a criança recuperou-se e intensificou o vínculo com a mãe.

As configurações de microssistemas correspondem às redes de apoio social, importantes pelo seu efeito moderador no desenvolvimento. Professores, tios, avós, primos, amigos, além do grupo familiar, constituem a rede de apoio social e afetivo da criança. A influência será positiva se estes vínculos reforçarem o sentido de eficácia pessoal, caso contrário, seu efeito será evidente no comportamento desadaptado.

As experiências da criança fora do seu ambiente familiar refletem tanto em seu próprio desenvolvimento quanto nas relações intra-familiares. Bronfenbrenner (1986) propõe que os diversos ambientes freqüentados pela criança sejam analisados em conexão com o contexto familiar para que sua influência no desenvolvimento seja melhor compreendida. Considera três estágios, de particular importância para uma bem-sucedida transição: primeiro, a pré-existência de relações entre os ambientes pode favorecer a adaptação da criança, como ocorre na escola onde alguma inter-relação tenha ocorrido previamente (professora amiga da mãe, irmão mais velho que freqüenta a escola); segundo, o efeito do processo de transição que corresponde à reorganização familiar, pela influência do novo ambiente (escola) e seu papel no contexto familiar; por último, as mudanças pós-transição nas relações entre ambientes, como o exemplo citado anteriormente onde a influência da professora facilitou a reaproximação e fortalecimento do vínculo entre mãe e filho.

### 1.3 Redes de Apoio Social

A rede de apoio social têm sido considerada como um fator fundamental nos níveis de adaptação a situações de *stress* e de suscetibilidade a distúrbios físicos e emocionais. Entre os três fatores de proteção mais valorizados para um desenvolvimento favorável (Garmezy & Masten, 1985; Rutter, 1987; Werner, 1989), a rede de apoio social aparece ao lado das características individuais de personalidade e da coesão familiar, como base de uma boa evolução.

Robinson e Garber (1995) levantam dados sobre o conceito de apoio social, as diversas áreas de pesquisas e a relação com a psicopatologia. O construto *rede social* foi usado por sociólogos e antropólogos para designar o número e os tipos de contatos sociais entre as pessoas. Sociólogos buscaram relações entre as redes pessoais e as organizações e classes sociais. Antropólogos conduziram seus estudos em descrições qualitativas dos sistemas de vida dentro das sociedades, em especial as relações sociais e os vínculos entre as pessoas. Objetivaram, também, a busca de relações entre os indivíduos e os sistemas mais amplos onde circulavam e operavam (Robinson & Garber, 1995).

Em relação às redes sociais de crianças de baixo nível sócio-econômico, Fonseca (1995) ressalta a importância da circulação das crianças entre grupos familiares dispersos. Esta circulação reforça a solidariedade do grupo familiar como um todo e une gerações sucessivas, como é o caso de avós que criam seus netos como filhos, ou mulheres que abrigam filhos de um parente. A mobilidade social destas crianças gera, em muitos casos, mudanças no padrão sócio-econômico que pode enfraquecer a solidariedade da família. O grupo que ascende, concentra suas energias na família, escola e objetivos futuros, enquanto o grupo que se mantém vinculado à cultura popular, garante a manutenção dos laços familiares abrigando crianças mais pobres e permitindo a convivência dos filhos com a comunidade em que vive. Fonseca considera a prática de circulação de crianças um *divisor de águas* entre o grupo que adota valores de classe média e aquele que permanece no *status* inferior. A visão da antropologia é enriquecida pela análise da ciência psicológica nesta mesma temática.

A Psicologia tem se preocupado com a importância das redes de apoio social devido a sua influência no desenvolvimento na infância, vida adulta e velhice. Existem relacionamentos que incrementam o crescimento, facilitam a saúde e são fonte de satisfação e bem-estar. Estudos nesta área relacionam o efeito das redes sociais com respostas positivas, tais como, baixos índices de sintomas depressivos, de sentimentos de desamparo, de abuso e negligência nas

famílias, menos dificuldades na escola, temperamento brando, uma auto-imagem positiva e competência pessoal (Albarracin, Repetto, & Albarracin, 1997; Barrera & Garrison-Jones, 1992; Dalgard, Bjork, & Tambs, 1995; Newcomb, 1990; Nunes, 1994).

Garmezy e Masten (1994) comentam que a natureza dos grupos de apoio providencia um aumento na competência individual, que reforça o senso de dignidade, auto-imagem e a auto-eficácia necessários para atingir metas e controle percebido. Rutter (1987) também entende que a rede de apoio social corresponde a oportunidades de aprofundamento dos relacionamentos para melhora no padrão de adaptação. Para ele, a rede de relacionamentos pessoais compreende os apegos seletivos desenvolvidos na infância precoce ou o estabelecimento de uma relação de amor segura e harmoniosa, uma vez que ambos reforçam sentimentos de segurança, aumentando a auto-estima e a auto-eficácia. Conclui que estes bons relacionamentos modificam o auto-conceito e protegem o indivíduo de posteriores situações de risco.

### 1.3.1 Conceitualização de Apoio Social

O conceito de *apoio social* é definido basicamente de duas formas: uma, relacionada à maneira pela qual uma situação de risco específica é conduzida pelo indivíduo em seu ambiente; outra, envolve a abordagem evolutiva, na qual o apoio social é visto como um importante elemento para a estruturação da personalidade. As conseqüências do apoio social, a curto prazo, estão relacionadas à capacidade do indivíduo para enfrentar os eventos de vida e a longo prazo, as conseqüências se refletem no funcionamento saudável e desenvolvimento da personalidade (Pierce, Sarason, Sarason, Joseph, & Henderson, 1996). Os componentes do apoio social são definidos por esquemas, relações e transações de apoio. Estes componentes, apesar de serem estudados separadamente, devem ser compreendidos de forma dinâmica, pois apresentam interconecções superordenadas.

Os esquemas de apoio correspondem à percepção individual do apoio recebido e envolvem as expectativas acerca daquilo que o ambiente pode oferecer. Crianças cujos pais são sensíveis, dão apoio e respondem às interações, desenvolvem expectativas positivas sobre a disposição dos outros para dar e receber ajuda. O esquema de apoio dos pais influencia a formação do *self* e a natureza das futuras relações de apoio da criança. O sentimento de ser amado e valorizado pelos outros, reforça na criança a percepção de que é atendida nas suas necessidades. Uma visão positiva de *self* e de seus vínculos com outras pessoas é um estímulo para que busque contatos no ambiente social, aumente a sua efetividade e percepção do apoio recebido. A curto prazo, a

atitude de apoio dos pais capacita a criança a desenvolver habilidades interpessoais, que facilitam a interação com as demais pessoas. Diante de uma situação de risco, o apoio recebido dos pais vai influenciar na redução da angústia da criança e da ameaça imposta pelo *stress*. As transações de apoio com os pais reforçarão os recursos internos da criança para enfrentar, com sucesso, eventos de vida e situações de risco. Estão ligadas às interações que estimulam a atitude de dar e receber, pois, em uma transação está implícita a necessidade de receber e sentir, ao mesmo tempo, que se é capaz de dar apoio. Os relacionamentos de apoio são influenciado pelos esquemas e correspondem a qualidade das relações, a partir da avaliação individual.

Para a criança, a família é a primeira e mais importante rede de apoio social. O estabelecimento e manutenção dos vínculos fora da família irão formar as redes sociais individuais. A influência da família para o desenvolvimento das interações sociais na infância é enfatizado por Boyce (1985). As interações familiares constituem uma fonte contínua e duradoura de apoio social pela qualidade do relacionamento entre seus membros. Estes relacionamentos caracterizam-se pela reciprocidade, mutualidade e diálogo, além de, desenvolver na criança, o senso de permanência e estabilidade no lar. O senso de permanência é a percepção que elementos centrais da experiência de vida são estáveis e imutáveis. Corresponde à convicção de que aspectos do *self*, e de sua própria vida, permanecem estáveis, mesmo diante de eventos significativos ou de transição. A consciência da estabilidade no lar é consequência do desenvolvimento do apego. As relações de apego seguras irão capacitar a criança ao envolvimento emocional fora do lar, em diferentes ambientes sociais, garantindo o senso de segurança, mesmo diante de situações externas que ameacem o rompimento destes laços afetivos.

Garnezy e Masten (1994) afirmam que o apoio proporcionado por amigos, vizinhos, professores, terapeutas, líderes religiosos e outros recursos da comunidade potencializam talentos e habilidades do indivíduo e correspondem a um fator de proteção para uma variedade de riscos na infância. Newcomb (1990) considera que a rede de apoio social é construída no decorrer da vida, através do desenvolvimento de relacionamentos recíprocos, nos quais interagem características individuais, como as habilidades, necessidades e interesses de envolvimento das partes, e oportunidades de contatos sociais. A força de sustentação das redes sociais também varia, dependendo da satisfação mútua derivada dos participantes. Newcomb (1990) conclui que o envolvimento e a reciprocidade são a base do apoio social, e que as qualidades individuais exercem forte influência na sua formação.

Barrera (1986) distingue três dimensões de apoio social: a primeira, relacionada aos elos do indivíduo com o ambiente e centrada no tamanho das redes de apoio ou número de organizações ao qual a pessoa está vinculada; a segunda, ligada a uma avaliação subjetiva de apoio social, satisfação com os relacionamentos e percepção de uma relação mais próxima ou íntima com os membros da rede; e, a terceira, avaliada pela frequência de transações de apoio ou pela quantidade de ajuda recebida, num dado momento, proveniente da rede de apoio social. Segundo Robinson e Garber (1995), a relação destas três dimensões com níveis de *stress* não é uniforme para cada dimensão e, nem tampouco, entre uma dimensão e outra. Apontam, por exemplo, que o apoio recebido e o percebido não apresentam grande relação entre si, ou seja, mesmo que uma pessoa perceba a importância de seu relacionamento com outras, não significa que buscará nestas pessoas a ajuda que necessita. Concluem que a qualidade do apoio social é mais importante que a quantidade ou tamanho das redes para uma positiva associação com níveis de risco.

### 1.3.2 Apoio Social e Processos Afetivos

Podemos caracterizar certas redes de apoio social pela dimensão afetiva que apresentam. Um estudo longitudinal desenvolvido por Dunn (1993), com filhos de mães psicóticas, investigou aspectos relacionados ao bem-estar e adaptação. Foram citados vizinhos, amigos e professores como pessoas que proporcionaram importante ajuda na infância. O relacionamento das crianças com sua rede de apoio poderia ser caracterizado como uma “base estável”. Neste estudo desenvolvido por Dunn (1993), avós e parentes foram pouco mencionados. Estas crianças não conversavam sobre suas famílias, com as pessoas da rede, apenas sentiam segurança na sua presença e bem-vindas nos locais onde elas trabalhavam ou viviam. Para alguns, estas pessoas marcaram suas vidas pela atenção dedicada, cuidado e reforço na avaliação da realidade. Os vínculos estabelecidos com indivíduos da rede de apoio e sua função no decorrer do desenvolvimento podem ser considerados uma contínua manutenção dos padrões de apego formados no primeiro ano de vida.

John Bowlby e Mary Ainsworth foram os pioneiros no desenvolvimento da teoria do apego. Bowlby (1969) definiu *apego* como um vínculo emocional, um padrão de comportamento direcionado para a busca e a manutenção da proximidade de um outro indivíduo. O mais precoce relacionamento de apego é com a figura do primeiro cuidador, freqüentemente, a mãe. Relações de apego podem ser desenvolvidas com a figura do pai ou outra pessoa, porém, é a mãe que irá persistir, para a criança, como a mais importante figura de apego. Ainsworth (1989) contribui

para a teoria com o conceito de *base segura*. Relações de apego saudáveis reúnem necessidades físicas e psicológicas da criança e desenvolvem um senso de segurança e confiança que facilita a exploração do ambiente.

O conceito de apego envolve um aspecto organizacional pois corresponde a uma função integrativa vital na infância (Sroufe & Waters, 1977). As funções internas envolvidas apresentam uma provável relação com a integração neuropsicológica e estão sujeitas às mudanças evolutivas pela influência genética e ambiental (Ainsworth, 1989). O papel da mãe é de apoio, pois suas ações determinarão a conservação da proximidade com o filho. Segundo Bowlby (1969, 1984), as ações diferenciais do bebê tais como o olhar, sorriso, choro, também servirão para a manutenção da proximidade com seu objeto de apego. O autor entende que a criança desenvolve a confiança na figura de apego durante os primeiros anos de vida, e uma vez desenvolvida, mantém-se pelo resto da vida. A confiança no acesso, correspondência e disponibilidade da figura de apego torna a pessoa menos propensa a medo agudo ou crônico. Expectativas em relação à efetividade da aproximação com a figura de apego refletem as experiências afetivas individuais. Em suas conclusões, Bowlby afirma que a auto-confiança bem desenvolvida está relacionada com a capacidade de confiar nas demais pessoas, e o relacionamento de apego propicia esta experiência, desenvolvendo e complementando o senso de confiança.

Em torno do final do primeiro, e durante o terceiro e quarto ano de vida da criança, os avanços cognitivos decorrentes do desenvolvimento da linguagem irão favorecer a comunicação entre pais e filhos. A criança, então, pode negociar seus desejos e objetivos com os pais e desenvolver a confiança e a estabilidade pela mútua compreensão. É deste modo que passa a construir seu *modelo de trabalho interno* (Ainsworth, 1989). O conceito de modelo de trabalho é uma metáfora utilizada por Bowlby (1969), de representação dinâmica do mundo interno, em que experiências serão utilizadas para prever o futuro e extrapolar situações hipotéticas. O MTI (modelo de trabalho interno) é construído a partir da forma como a criança avalia sua situação e faz seus planos de vínculo, como explora o mundo e as demandas em relação aos pais. O que é formado internamente é avaliado e reavaliado na estruturação dos significados sociais. Os MTIs serão influenciados pela habilidade ou inabilidade para confiar nos outros, pela crença num mundo benigno ou maligno, pela esperança (representações que irão criar a própria realidade presente e futura) e pela sua auto-eficácia (Bandura, 1997).

Os laços afetivos (*affectional bonds*), que compõe o comportamento de apego, não são sinônimo de relacionamentos. Ainsworth (1996) afirma que estes diferem dos laços afetivos de

três formas. Primeiro, os relacionamentos são diádicos, e laços afetivos correspondem a uma característica do indivíduo, não da díade; desenvolvem-se no contexto da díade e são provenientes de representações herdadas na organização interna do indivíduo. Segundo, relacionamentos podem ser duradouros ou transitórios, enquanto laços afetivos são, por definição, permanentes. Terceiro, o relacionamento de dois indivíduos desenvolve-se, por natureza, na história de suas interações envolvendo uma variedade de componentes, alguns de pouca importância para a formação de laços afetivos. A mãe, por exemplo, pode relacionar-se com seu filho como cuidadora, como companheira ou professora. Porém, o laço afetivo, que está diretamente relacionado ao apego, está caracterizado, provavelmente, pelo componente do cuidado.

Na exploração de seu ambiente a criança vai expandir seu mundo e vincular-se com colegas de aula e outras pessoas, inclusive estranhos. Ainsworth (1989) admite que, ao longo da vida, o adulto vai substituindo a figura principal de apego quando um novo vínculo sexual se estabelece. Isto não significa que o apego aos pais deixa de existir; sua influência continua através dos modelos internos destas figuras significativas. Isto ocorre, também, diante da morte de um dos pais.

A relação entre o conceito de apego e de relacionamentos de apoio ao longo da vida é desenvolvida por Levitt (1991). A autora centraliza seus estudos na continuidade e mudança de relacionamentos de apego; nos processos que envolvem a formação, manutenção e dissolução dos relacionamentos próximos durante o ciclo de vida; e na relação entre apego e bem-estar pessoal. Segundo Levitt (1991), a ênfase dada à formação de apego na infância precoce não desconsidera a importância das figuras subsidiárias e de múltiplos apegos. A autora considera que o desenvolvimento deste padrão de comportamento *não ocorre somente com a mãe*, mas também com pais, avós e irmãos. A extensão do desenvolvimento dos padrões de apego para membros da rede social foi observado em crianças e adolescentes em situação de risco que apresentavam adaptações bem sucedidas e resistência a situações de *stress* (Bronfenbrenner, 1979).

Em relação aos aspectos de mudança e continuidade dos relacionamentos de apego Levitt (1991) aponta dois pontos de vista distintos. O primeiro é a posição epigenética, em que a primeira relação de apego serve como protótipo para relacionamentos posteriores e tem primazia na determinação dos vínculos da vida adulta. Ainsworth (1989) e Bowlby (1969) enfatizam esta idéia de que o primeiro relacionamento mantém um efeito na qualidade das representações

cognitivas que são generalizadas nos relacionamentos subsequentes. Estes são caracterizados como apegos secundários ou subsidiários. Para Ainsworth (1989), os apegos secundários diferem dos primários pelo fato destes últimos continuarem permanentemente ao longo da vida da pessoa; os secundários, podem exercer uma influência por um período limitado de tempo, cessando ao terminar a relação. O segundo ponto de vista, observado por Levitt (1991), busca um avanço na proposta anterior, e enfatiza a importância dos apegos secundários ao longo da vida, considerando a capacidade de adaptação e plasticidade das respostas individuais para situações novas. A autora entende que estas propostas não podem ser avaliadas sem dados de estudos longitudinais. O bem-estar afetivo pode relacionar-se com o envolvimento continuado através de gerações tanto posteriores quanto anteriores. A influência mútua entre pais e filhos pode flutuar em importância, através das várias fases do desenvolvimento de ambos, apesar de seus efeitos permanecerem ao longo da vida.

Para dar sustentação as suas hipóteses, Levitt (1991) parte da consideração do desenvolvimento do indivíduo dentro dos sistemas hierárquicos propostos por Bronfenbrenner (1979). Mesmo que os pais direcionem a criança, nos seus primeiros anos de vida, outros níveis de interação exercerão grande influência, como a vizinhança, parentes, organização comunitária, sistemas de saúde, normas governamentais e sócio-culturais. A criança pode desenvolver sistemas internos próprios de vínculos e interações nestes diversos níveis. As alterações na formação e dissolução dos padrões de apego podem relacionar-se a fatores internos e externos. A estabilização deste corolário de relações próximas ocorrerá através de processos de regulação como a adaptação mútua, redução de conflitos e manutenção de comportamentos dentro dos limites tolerados pelos parceiros.

Levitt (1991) utiliza o modelo proposto por Kahn e Antonucci (1980), que atribui às redes sociais individuais o papel de uma *escolta* que impulsiona e protege a criança no seu desenvolvimento. As pessoas significativas, que formam a rede social e afetiva da criança, influenciam na formação da sua personalidade, integração e capacidade de enfrentar situações de risco.

A proposta deste estudo é de avaliar as redes de apoio social e afetivo de crianças de baixo nível sócio-econômico, sob o ponto-de-vista das crianças e pessoas responsáveis por seus cuidados. O objetivo estende-se ao levantamento dos fatores riscos a que estão expostas crianças e pais, e à compreensão contextualizada dos dados. Para isto, foram propostas entrevistas com a pessoa responsável pelos cuidados da criança obtendo-se informações e

depoimentos sobre o contexto de vida, relacionamento familiar, expectativas sobre o futuro de seus filhos e de si próprios, violência ambiental, saúde da família, condições de moradia e situação ocupacional. O levantamento destes dados visa auxiliar a compreensão das informações trazidas pelas crianças.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 Participantes

Participaram deste estudo 40 crianças, 20 mães e um pai. A amostra corresponde a uma população de nível sócio-econômico baixo, que vive em condições de pobreza em vilas e becos inseridos em bairros de classe média de Porto Alegre. Quando foi realizada a coleta de dados, as crianças freqüentavam a primeira e segunda série do primeiro grau de escolas da Rede Pública estadual. As características da amostra de crianças quanto à cor, naturalidade e grau de escolaridade são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

*Freqüência e percentual de dados demográficos das crianças (n=40)*

Variáveis	Freqüências	%
Sexo		
Masculino	19	47,5
Feminino	21	52,5
Cor		
Negros	23	57,5
Pardos	8	20,0
Branços	9	22,5
Naturalidade		
Porto Alegre	39	97,5
Interior	1	2,5
Outro Estado	-	-
Escolaridade		
1 <sup>a</sup> . série	27	67,5
2 <sup>a</sup> . série	13	32,5

O grupo de pais que participou da entrevista forneceu dados sócio-demográficos e de renda familiar que são apresentados na Tabela 2. A idade média das mães ficou em 35 anos e dos pais, em 39 anos. A maioria das mães era negra e os pais, brancos e pardos. Os pais, em sua maioria, eram provenientes de Porto Alegre e as mães naturais da capital, interior do estado e algumas, procedentes de outros estados. As mães apresentavam baixo grau de escolaridade, em sua maioria (80%) tendo concluído até a 6<sup>a</sup>. série do primeiro grau. A maioria dos pais cursou até 5<sup>a</sup>. série do 1<sup>o</sup>. grau e alguns concluíram o segundo grau. As famílias apresentavam uma renda média de 3,5 salários mínimos.

Tabela 2

*Média de renda familiar e idade dos pais, e percentual de dados sócio-demográficos de mães e pais (n=21)*

Variáveis	Mãe %	Pai %	Total %	Média
Renda Familiar em Salários Mínimos	-	-	-	3,5
Idade da Mãe Biológica/Substituta em anos	-	-	-	35,76
Idade do Pai Biológico/Substituto/ Padrasto em anos	-	-	-	39,44
<b>Cor</b>				
Negro	54,2	27,8	43,0	
Pardo	20,8	33,3	26,0	
Branco	25,0	38,9	31,0	
<b>Naturalidade</b>				
Porto Alegre	42,9	61,5	50,0	
Interior	47,6	15,4	35,3	
Outros Estados	9,5	23,1	14,7	
<b>Escolaridade</b>				
Analfabeto até 2 <sup>a</sup> . série	8,0	25,0	14,6	
3 <sup>a</sup> . e 4 <sup>a</sup> . série do 1 <sup>o</sup> . grau	32,0	12,5	24,4	
5 <sup>a</sup> . série do 1 <sup>o</sup> . grau	20,0	31,2	24,4	
6 <sup>a</sup> . série do 1 <sup>o</sup> . grau	20,0	-	12,2	
7 <sup>a</sup> . série do 1 <sup>o</sup> . grau	8,0	-	4,9	
8 <sup>a</sup> . série do 1 <sup>o</sup> . grau	8,0	6,3	7,3	
Segundo grau completo	4,0	25,0	12,2	

A situação ocupacional das famílias é apresentada na Tabela 3. O levantamento foi dividido em vínculo empregatício e profissão. Alguns pais mantinham atividades ilegais como a venda de drogas e objetos roubados, falsificação de documentos, etc. As informações sobre estas atividades ilegais foram fornecidas pelas crianças, vizinhos e mães que participaram da entrevista.

Tabela 3  
*Percentual e média de dados sobre vínculo empregatício e percentual por profissão para mães e pais (n=21)*

Variáveis	Mãe %	Pai %	Média
<b>Vínculo empregatício</b>			
Empregado	40,0	47,6	43,5
Sem vínculo empregatício	32,0	19,4	26,1
Prest.de serviços/Autônomo	4,0	23,5	13
Desempregado	12,0	9,5	10,9
Aposentado	12,0	0	6,5
	100	100	
<b>Profissão</b>			
Dona de casa	37,6	-	-
Empregada doméstica	20,8	-	-
Func. de limpeza urbana	12,5	14,3	-
Cozinheira	16,6	-	-
Construção civil	-	42,8	-
Camelô	-	9,5	-
Segurança	-	9,5	-
Atividade ilegal	-	9,5	-
Funcionário Público	-	4,8	-
Auxiliar de serviços gerais	12,5	4,8	-
Motorista	-	4,8	-
	100	100	-

## 2.2 Material

### 2.2.1 Mapa dos Cinco Campos

Para avaliar a rede de apoio social foi aplicado o teste Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, Thernlund, & Ringström, 1996), adaptado para uso nesta população. Algumas modificações na forma de apresentação foram realizadas para adaptar o uso para esta população (Anexo I). As alterações foram idealizadas com o objetivo de tornar o instrumento mais atraente e acessível às condições intelectuais das crianças que iniciavam sua vida escolar. Assim, o diagrama foi apresentado à criança em um quadro 60x80 com cobertura de feltro, no qual ela deveria aderir fichas circulares, com base de velcro, de figuras que representam adultos, adolescentes e crianças de ambos os sexos (Anexo II). Os cinco campos, família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais foram mantidos, distribuídos em espaços iguais, na forma de fatias do grande círculo. No diagrama, o círculo central, que corresponde à própria criança, é preenchido com uma ficha representando-a, e cada campo é escolhido espontaneamente, sem necessidade de seguir o sentido horário. Os demais critérios propostos por Samuelsson, Thernlund e Ringström (1996) foram mantidos. A proposta dos seis círculos concêntricos é que cada círculo adjacente ao central, sirva para medir a qualidade do vínculo com a criança: o primeiro representa a própria criança; o segundo e terceiro círculos, ao centro, correspondem às relações mais próximas (maior vínculo); o quarto e o quinto às relações mais distantes (menor vínculo); e, o último círculo, da periferia, aos contatos negativos correspondentes às pessoas das quais a criança não gosta ou com as quais não se sente bem. A criança indica, nos referidos círculos, as pessoas importantes (que mais goste), assim como aquelas com quem mantém um mau relacionamento (que não goste). Além disso, é solicitado à criança que identifique a existência de conflito (brigas), assinalado pelo símbolo  $\neq$ , e rompimento de relações entre ela e alguma das pessoas representadas (pessoa com quem “não se dá”), com o símbolo  $\#$ . Também é solicitado que classifique cada campo quanto à satisfação, (gosta) simbolizado pela letra S, ou insatisfação nos relacionamentos envolvidos (não gosta), pela letra I.

No campo família, a criança é solicitada a situar pessoas que vivem na mesma casa onde mora, e com quem mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, como a mãe, o pai, irmãos e outra pessoa que considera muito importante neste ambiente.

No campo parentes situa as pessoas com quem mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, mas que não moram na mesma casa que a sua, como tios, tias, primos, avós, padrinhos, etc.

No campo escola, as pessoas com quem mantém contato na escola e que considera importantes, como a professora, colegas ou funcionários.

No campo vizinhos/amigos, pode incluir aquelas pessoas que residem próximo a sua casa ou mesmo distantes, mas que considere importantes.

Finalmente, no campo contatos formais, indica pessoas ligadas a outras instituições freqüentadas pela criança como igreja, centro comunitário, posto de saúde, clube esportivo, etc., que não tenham sido referidos nos campos anteriores.

Na Folha de Registro foram anotados os dados das pessoas citadas, como o nome, grau de parentesco, idade e outras observações trazidas pela criança.

Foi incluído no levantamento do Mapa uma questão para identificar a pessoa que representa apoio e segurança para a criança: Quem procuraria caso necessitasse de ajuda? Esta questão foi respondida após o preenchimento do Mapa.

#### 2.2.2 Entrevista com a Criança

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o objetivo de obtenção de dados sócio-demográficos e levantamento de eventos de vida recentes para análise dos fatores de riscos e proteção percebidos pelas crianças (Anexo III).

#### 2.2.3 Entrevista com a Mãe ou Pessoa Responsável pelos Cuidados da Criança

Uma entrevista semi-estruturada (Anexo IV) foi realizada com o objetivo de avaliar a estrutura e história familiar e eventos de vida envolvendo a família e a criança. Esta entrevista visa complementar os dados do mapa e proporcionar uma compreensão contextualizadas das informações obtidas com as crianças.

#### 2.2.4 Eventos de Risco

Para medida de eventos de risco foi utilizado o Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco na vida da criança e da família (Anexo V). Este inventário foi baseado no *Adolescent-Family Inventory of Life Events and Changes* (A-FILE) de McCubbin, Patterson, Bauman, e Harris (1981) e adaptado para esta população.

Os Eventos de Risco foram considerados para avaliar a situação de risco pessoal e social das crianças, e foram definidos com escores que indicam ausência (0) e presença (1) de itens relativos à condição sócio-econômica da família, desemprego e moradia; relacionamento e saúde familiar (doença mental, uso de drogas, internação e suicídio); doença física (crônica ou que levou a conseqüente seqüela física), perda de pessoa querida ou importante para a manutenção do lar. Um item relacionado à ausência da mãe, foi incluído. O Inventário passou a ter 21 itens. A soma de pontos indicou o escore de risco total de criança.

### 2.3 Procedimentos

Inicialmente foi feito um contato com as escolas da vila freqüentadas pelas crianças para discussão e aprovação do projeto. Foi realizado um contato inicial com as mães das crianças após a avaliação bi-mensal. Todas as mães contatadas concordaram em participar da pesquisa com seus filhos. Algumas famílias foram visitadas para que tomassem ciência do estudo e concordassem em participar da pesquisa. Após a obtenção de consentimento informado da escola, verbal e escrito das mães, foi iniciada a avaliação das crianças.

A coleta de dados foi realizada, primeiramente, com a aplicação do Mapa dos Cinco Campos (Anexo I), e após foi realizada a Entrevista Inicial (Anexo II). Em outro momento foram realizadas as entrevistas com as famílias e, posterior, preenchimento do Inventário de Riscos pela pesquisadora.

A aplicação do Mapa dos Cinco Campos foi realizada na escola, em sala cedida, onde permaneceu somente a pesquisadora e a criança. O Mapa dos Cinco Campos foi aplicado individualmente. Cada criança era convidada pela pesquisadora para participar de um jogo, na qual utilizaria um quadro de feltro com fichas circulares para serem fixadas. As instruções para aplicação deste instrumento estão no Anexo I. A pesquisadora registrou os dados na Folha de Registro (Anexo I), conforme indicados pela criança no quadro de feltro. Os dados registrados foram: nome, idade, tipo de relação que possui com a criança e outras observações, manifestadas espontaneamente, a respeito destas pessoas, bem como a ordem de escolha e a Satisfação ou Insatisfação no respectivo campo.

A entrevista com o familiar foi realizada na casa da criança após combinação inicial. As mães ou familiares foram contactados na escola, no momento de entrega da avaliação semestral. Todos os pais concordaram verbalmente em participar da pesquisa, tendo reforçado o consentimento em documento assinado, no momento de realização da entrevista. Como a

entrevista era semi-estruturada, baseada em tópicos a serem abordados, o tempo de duração total não foi pré-determinado, porém, cada visita não ultrapassou uma hora e meia de duração. Em todos os casos foram necessárias duas visitas para concluir a entrevista. Os depoimentos foram registrados manualmente ou gravados no momento em que a entrevista foi realizada, conforme autorização prévia do participante.

O Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco foi preenchido pela pesquisadora após a entrevista com a criança e com a família, baseado nas informações obtidas. Os escores foram discutidos em momento posterior, obtendo o consenso de três juízes.

Para a avaliação da estrutura das redes foram levantados: número total de pessoas citadas (crianças, adolescentes e adultos), e respectivamente nos campos família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais. Também foi considerada a ordem de escolha dos campos.

Os dados relacionados aos aspectos funcionais ou de qualidade das redes de apoio, incluíram: satisfação ou insatisfação em cada campo, o papel da(s) pessoa(s) citada(s) em primeiro lugar em cada campo, o número de relacionamentos caracterizados por conflitos e rompimentos e o fator de proximidade.

O fator de proximidade ou grau de vinculação da criança com a pessoa citada no mapa é medido a partir da localização desta pessoa em relação ao círculo central que representa a criança. Quanto mais próximo da criança, mais alto é o grau de proximidade. O valor foi obtido pela multiplicação do número de pessoas incluídas no círculo mais próximo por 8, e nos segmentos seguintes, por 4, 2 e 1, respectivamente. O fator de proximidade foi calculado com escores em cada campo e no total do mapa. Os contatos negativos foram calculados pelo número de citações no último círculo. O grau de insatisfação pelo número de campos no qual a criança esteja insatisfeita e os conflitos foram calculados pelo número indicado pela criança (relacionamentos marcados por brigas, discórdia e atritos). Após o preenchimento do mapa foi perguntado à criança sobre a pessoa que procuraria, caso necessitasse de ajuda. Esta pergunta visa identificar a presença, no mapa, de pessoa de confiança para a criança.

O levantamento da entrevista com a criança e família consistiu na obtenção de categorias de respostas para cada questão. Foram levantadas percentagens de ocorrência de cada categoria.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados foram obtidos através do Mapa dos Cinco Campos, Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco na Vida da Criança e Família, entrevista com a criança e familiar. Na apresentação dos dados da entrevista com a pessoa responsável pelos cuidados da criança foram selecionados aspectos relevantes, como ilustração, para a compreensão dos resultados do Mapa e sua relação com a adaptação do grupo estudado.

#### 3.1 Redes de Apoio Social e Afetivo e Mapa dos Cinco Campos

As redes de apoio social e afetivo foram avaliadas de forma descritiva e apontados alguns dados significativos. Os resultados foram levantados em relação a sua estrutura e funcionalidade.

##### 3.1.1 Estrutura

O número total de pessoas citadas no Mapa dos Cinco Campos informa sobre a estrutura das redes de apoio social e afetivo. Na Tabela 4 são apresentados dados relativos ao número de pessoas citadas no mapa, por sexo. Para a amostra estudada, observou-se uma média de 19,83 pessoas por mapa. Os dois campos mais citados foram parentes e escola. Meninas citaram em média 7,14 pessoas em parentes; meninos citaram 5,84 pessoas no campo escola. As diferenças das médias entre os grupos de meninos e meninas, para o número de pessoas citadas, não foi significativa (teste de Mann-Whitney,  $r=0,635$ ;  $p> 0,05$ ).

Tabela 4  
*Freqüências e médias do número de pessoas citadas  
 por sexo*

Campo	Sexo		Total (n=40)
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
Família			
Freqüência	94	98	192
(Média)	(4,95)	(4,67)	(4,8)
Parentes			
Freqüência	100	150	250
(Média)	(5,26)	(7,14)	(6,25)
Escola			
Freqüência	111	110	221
(Média)	(5,84)	(5,24)	(5,53)
Vizinhos/Amigos			
Freqüência	94	50	144
(Média)	(4,95)	(2,38)	(3,60)
Contatos Formais			
Freqüência	16	21	37
(Média)	(0,84)	(1,5)	(0,93)
Total			
Freqüência	364	429	793
(Média)	(19,16)	(20,43)	(19,83)

Para avaliar a correlação entre os totais do Mapa por Campo foi elaborada uma matriz com os coeficientes de correlação de Pearson com o objetivo de avaliar a relação entre o tamanho das redes de apoio nos diferentes ambientes freqüentados pelas crianças. Na Tabela 5 são apresentados estes valores. Observa-se que existe uma relação direta entre a Escola e Vizinhos/Amigos ( $p= 0,000$ ) em relação ao número total de pessoas citadas.

Tabela 5

*Correlações entre os totais do Mapa e os campo (n=40)*

	Parentes	Escola	Vizinhos/ Amigos	Contatos Formais
Família	0,187 p= 0,246	0,078 p= 0,629	0,022 p= 0,890	0,096 p= 0,553
Parentes		0,147 p= 0,363	0,078 p= 0,628	-0,185 p= 0,253
Escola			0,544 p= 0,000*	0,123 p= 0,448
Vizinhos/Amigos				0,167 p= 0,301

\*  $p < 0,01$

A ordem de escolha dos campos é apresentada na Tabela 6. O campo Família foi citado em primeiro lugar por 94,7 % dos meninos e 66,7 % das meninas. Os meninos concentraram sua primeira escolha na Família, enquanto as meninas citaram outros campos em primeiro lugar, como Parentes, Escola e Vizinhos/Amigos. O total, à direita da Tabela 6, indica o percentual de crianças que citaram o referido campo, nos seus Mapas.

Tabela 6

*Freqüências e percentuais da ordem de escolha dos campos por sexo*

Ordem de escolha	1°.	2°.	3°.	4°.	5°.	Total
Meninos (n=19)						
Família						
Freqüência	18	1	-	-	-	19
%	94,7	5,3	-	-	-	100
Parentes						
Freqüência	1	9	5	3	-	18
%	5,6	50,0	27,8	16,7	-	94,7
Escola						
Freqüência	-	5	7	5	1	18
%	-	27,8	38,9	27,8	5,6	94,7
Vizinhos/Amigos						
Freqüência	-	4	4	7	-	15
%	-	27,7	26,7	46,7	-	78,9
Contatos Formais						
Freqüência	-	-	1	-	5	6
%	-	-	16,7	-	83,3	33,3
Meninas (n=21)						
Família						
Freqüência	14	5	2	-	-	21
%	66,7	23,8	9,5	-	-	100
Parentes						
Freqüência	3	12	3	1	-	19
%	15,8	63,2	15,8	5,3	-	90,5
Escola						
Freqüência	3	2	7	7	-	19
%	15,8	10,0	35,0	35,0	-	90,5
Vizinhos/Amigos						
Freqüência	1	2	7	5	-	15
%	6,7	13,3	46,7	33,3	-	71,4
Contatos Formais						
Freqüência	-	-	-	2	5	7
%	-	-	-	28,6	71,4	33,3

### 3.1.2 Funcionalidade

A funcionalidade da rede de apoio social e afetiva é medida pelo fator de proximidade, presença de conflitos ou rompimentos nos relacionamentos e a satisfação ou insatisfação em cada campo. Na Tabela 7 estão indicados os dados estatísticos descritivos do fator de proximidade por sexo.

Tabela 7

*Estatísticas descritivas para os fatores de proximidade por sexo (n=40)*

Campo	Sexo		Total
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
<b>Família</b>			
Mínimo	4	4	4
Máximo	56	48	56
Média	25,43	23,19	24,30
Mediana	24	20	21,50
<b>Parentes</b>			
Mínimo	-	-	-
Máximo	52	99	99
Média	18,89	28,19	23,78
Mediana	18	16	17
<b>Escola</b>			
Mínimo	-	-	-
Máximo	80	76	80
Média	23,95	27,33	25,73
Mediana	20	22	21
<b>Vizinhos/Amigos</b>			
Mínimo	-	-	-
Máximo	74	52	74
Média	18,68	11,10	14,70
Mediana	15	4	8
<b>Contatos Formais</b>			
Mínimo	-	-	-
Máximo	16	32	32
Média	2,47	6,52	4,60
Mediana	-	-	-
<b>Total</b>			
Mínimo	29	22	22
Máximo	183	189	189
Média	90,11	96,38	93,40
Mediana	81	103	89,50

Todas as crianças atribuíram um fator de proximidade no campo Família e os demais campos apresentaram escores mínimos igual a zero. Meninos apresentaram maior fator de

proximidade nos campos Escola e Vizinhos/Amigos, enquanto as meninas, nos campos Parentes e Escola. Realizando o Teste de Mann-Whitney para cada um dos campos não detectou-se diferenças significativas (a 5%) entre as proximidades médias em relação ao sexo.

Para avaliar a relação entre os fatores de proximidade de cada campo foi elaborada uma matriz de correlação entre fatores médios, isto é, o quociente do fator de proximidade de cada campo pelo respectivo total. Na Tabela 8 são apresentados os valores do coeficiente de correlação de Pearson dos fatores de proximidade médios calculados para cada campo.

Tabela 8

*Correlações entre fatores de proximidade médios por campo*

	Parentes	Escola	Vizinhos/ Amigos	Contatos Formais
Família	0,194 p= 0,242	0,150 p= 0,374	0,543 p= 0,002***	0,549 p= 0,052*
Parentes		0,471 p= 0,004***	0,396 p= 0,037**	0,301 p= 0,341
Escola			0,332 p= 0,078	0,571 p= 0,041**
Vizinhos/Amigos				0,436 p= 0,180

\*\*\*P<0,01; \*\* p<0,05; \*P<0,10

O fator de proximidade médio da Escola está diretamente relacionado com o fator de proximidade médio de Parentes ( $p < 0,05$ ). O mesmo ocorre entre Família e Vizinhos e Amigos e entre Escola e Contatos Formais. Há uma tendência de correlação entre Família e Contatos Formais.

Nas Tabelas 9, 10, 11 e 12 estão indicadas as incidências do fator de proximidade da criança em relação aos pais separadamente e conforme estruturas familiares. Na Tabela 9 são apresentados os dados de todas as crianças da amostra. Observa-se que a mãe biológica foi classificada com o fator de proximidade mais elevado (maior proximidade) por 50% das crianças, enquanto o pai biológico não foi incluído no mapa por 35% da amostra. A mediana do fator de proximidade da mãe ficou em 8 (oito) e do pai, em 4 (quatro) para a amostra total. Uma criança classificou o pai como contato negativo.

Tabela 9

*Percentual do fator de proximidade com mãe e pai biológicos (n=40)*

	Fator de Proximidade				CN	Ausente do Mapa
	8	4	2	1		
Mãe Biológica	50,0	25,0	5,0	5,0	-	10,0
Pai Biológico	22,5	22,5	5,0	7,5	2,5	35,0
Mãe Biológica Morta	-	-	-	2,5	-	2,5
Pai Biológico Morto	-	-	2,5	2,5	-	-
%	72,5	27,5	12,5	13,0	2,5	47,5

*Fator de Proximidade 8 e 4: Maior proximidade*

*Fator de Proximidade 2 e 1: Menor proximidade*

*Contato Negativo (CN)*

Nas Tabelas 10, 11 e 12 são apresentados os resultados do fator de proximidade das crianças em relação aos pais conforme estruturas familiares: famílias com mãe e pai biológicos; com mãe biológica e padrasto; e, famílias com única mãe ou pai. Na Tabela 10, que corresponde a famílias com mãe e pai biológicos, a mãe foi classificada com maior proximidade (8 e 4) por todos os meninos e 75% das meninas. Uma menina não incluiu a mãe no Mapa. O pai biológico foi classificado com maior fator de proximidade por 75% das meninas e 62,5% dos meninos, que não o incluíram no mapa em 75% dos casos.

Tabela 10

*Percentual do fator de proximidade em famílias com mãe e pai biológicos por sexo (n=16)*

	Fator de Proximidade				Vínculo Negativo	Ausente do Mapa
	8	4	2	1		
<b>Mãe Biológica</b>						
Meninos	62,5	37,5	-	-	-	-
Meninas	37,5	37,5	12,5	-	-	12,5
<b>Pai Biológico</b>						
Meninos	50,0	12,5	12,5	-	12,5	-
Meninas	25,0	50,0	12,5	-	12,4	12,5

Nas famílias com mãe biológica e padrasto, indicadas na Tabela 11, todos os meninos e meninas atribuíram maior proximidade à mãe. Neste grupo, 75% de meninos e meninas não incluíram o pai biológico no Mapa. O padrasto aparece com algum grau de proximidade para 75% das meninas e 50% dos meninos.

Tabela 11

*Percentual do fator de proximidade em famílias com mãe biológica e padrasto por sexo (n=8)*

	Fator de Proximidade				Vínculo Negativo	Ausente do Mapa
	8	4	2	1		
<b>Mãe Biológica</b>						
Meninos	50,0	50,0	-	-	-	-
Meninas	75,0	25,0	-	-	-	12,5
<b>Padrasto</b>						
Meninos	25	-	25	-	-	25
Meninas	-	25	-	25	25	25
<b>Pai Biológico</b>						
Meninos	-	25	-	-	-	75
Meninas	-	-	-	25	-	75

Tabela 13

*Frequências e médias de contatos negativos por sexo*

Campo	Sexo		Total (n=40)
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
Família			
Frequência	7	2	9
Média	0,37	0,10	0,23
Parentes			
Frequência	9	3	12
Média	0,47	0,14	0,30
Escola			
Frequência	13	10	23
Média	0,68	0,48	0,57
Vizinhos/Amigos			
Frequência	12	1	13
Média	0,63	0,05	0,33
Contatos Formais			
Frequência	5	-	5
Média	26	-	0,13
Total			
Frequência	46	17	63
Média	2,42	0,81	1,58

Para confirmar o nível de significância entre o grupo de meninos e meninas em relação aos contatos negativos foi realizado um teste de comparação de proporções. Este teste corrige a tendência de atribuir-se a todo o grupo uma característica que está intensificada em alguns indivíduos da amostra. Na Tabela 14 são apresentadas as proporções de crianças que apresentaram pelo menos um contato negativo em cada campo.

Tabela 14

*Proporção de crianças que apresentaram pelo menos um contato negativo no Mapa, por sexo*

Campos	Sexo		Total (n=40)
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
Família			
Frequência	5	2	7
%	26,3	9,5	17,5
Parentes			
Frequência	5	3	8
%	26,3	14,3	20,0
Escola			
Frequência	6	6	12
%	31,6	28,6	30,0
Vizinhos/Amigos			
Frequência	7	1	8
%	36,8	4,8	20,0
Contatos Formais			
Frequência	4	-	4
%	21,1	-	10,0
Total			
Frequência	14	10	24
%	73,7	47,6	60,0

Realizando o teste de comparação para duas proporções (Costa Neto, 1977) chegou-se ao valor de 1,68 para a estatística "z". Este resultado sugere que a proporção de crianças com pelo menos um contato negativo é superior no grupo de meninos.

Outro indicador que define a funcionalidade da rede de apoio social e afetiva é a presença de conflitos nos relacionamentos. Na Tabela 15 estão indicadas as proporções de crianças com pelo menos um conflito, nos diferentes campos. Utilizando o teste de comparação para duas proporções chegou-se ao valor de 0,59 para a estatística “z”. Este resultado indica que a proporção de crianças com pelo menos um conflito é igual para meninos e meninas.

Tabela 15

*Proporção de crianças com pelo menos um conflito no Mapa, por sexo*

Campo	Sexo		Total
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
Família			
Frequência	5	5	10
%	26,3	23,8	25,0
Parentes			
Frequência	-	5	5
%	-	23,8	12,5
Escola			
Frequência	3	2	5
%	15,8	9,5	12,5
Vizinhos/Amigos			
Frequência	1	-	1
%	5,3	-	2,5
Contatos			
Formais	1	-	1
Frequência	5,3	-	2,5
%			
Total			
Frequência	9	8	17
%	47,4	38,1	42,5

O indicador de rompimento nos relacionamentos define pessoas incluídas no mapa, com as quais a criança “não se dá”. Não são apresentados escores brutos desta variável porque alguns meninos apresentam até quatro rompimentos no Mapa, elevando a média total do grupo. Para corrigir esta distorção são apresentadas na Tabela 16 a proporção de crianças que apresentaram pelo menos um rompimento no Mapa. O teste de comparação de proporções chegou a um valor de 1,31 para a estatística “z”, e aponta para a igualdade de proporção de meninos e meninas que apresentam pelo menos um rompimento no Mapa. Assim, é possível afirmar que não existe diferença significativa entre meninos e meninas quanto à presença de rompimento nos relacionamentos.

Tabela 16

*Proporção de crianças que apresentaram pelo menos um rompimento no Mapa, por sexo*

Campo	Sexo		Total (n=40)
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
Família			
Frequência	1	1	2
%	5,3	4,8	5,0
Parentes			
Frequência	-	2	2
%	-	9,5	5,0
Escola			
Frequência	3	1	4
%	15,8	4,8	10,0
Vizinhos/Amigos			
Frequência	3	-	3
%	15,8	-	7,5
Contatos Formais			
Frequência	2	-	2
%	10,5	-	5,0
Total			
Frequência	6	3	9
%	31,6	14,3	22,5

Aos campos citados, foram atribuídos escores de satisfação e insatisfação. Na Tabela 17 estão indicadas as proporções de crianças insatisfeitas para cada campo citado. Meninos mostraram maior insatisfação que meninas, apontando principalmente o campo Vizinhos/Amigos. O teste de comparação para duas proporções chegou a um valor de 1,26 para a estatística “z”, e indica que a proporção de crianças insatisfeitas é igual nas populações de meninos e meninas. Todas as crianças da amostra indicaram satisfação no Campo Família, por este motivo não está incluída na Tabela 17.

Tabela 17  
*Proporção de crianças que indicaram insatisfação nos Campos, por sexo*

Campo	Sexo		Total (n=40)
	Meninos (n=19)	Meninas (n=21)	
<b>Parentes</b>			
Frequência	2	1	3
%	11,1	5,0	7,5
<b>Escola</b>			
Frequência	-	2	2
%	-	10,00	5,0
<b>Vizinhos/Amigos</b>			
Frequência	5	1	6
%	33,3	7,1	15,0
<b>Contatos Formais</b>			
Frequência	2	-	2
%	28,6	-	5,0
<b>Total</b>			
Frequência	7	4	11
%	36,8	19,0	27,5

Foi realizada uma correlação entre o tamanho dos Mapas e o número de conflitos. O valor do coeficiente de correlação entre o número de conflitos e o total de pessoas citadas no Mapa não foi muito alto ( $r= 0,278$ ;  $p=0,082 >0,05$ ) e sugere uma leve tendência para o aumento no

número de contatos negativos nos indivíduos que apresentam maior número de relacionamentos.

Para verificar a relação entre o número total de conflitos, rompimentos e contatos negativos foram realizados cruzamentos. Os resultados são apresentados na Tabela 18.

Tabela 18

*Cruzamentos entre o total de rompimentos, conflitos e contatos negativos*

Categorias	Qui- quadrado	Significância
Rompimentos e Contatos Negativos	1,529	0,216 p= >0,10
Rompimentos e Conflitos	2,77	0,096 p= >0,05
Contatos Negativos e Conflitos	6,155	0,013 p= <0,05

Os resultados apontam para uma associação entre contatos negativos e conflitos, isto é, as crianças que apresentam conflitos tendem a apresentar, também, contatos negativos. As demais variáveis não estão associadas entre si.

Após a aplicação do Mapa dos Cinco Campos as crianças responderam a questão: Quem procuraria, caso necessitasse de ajuda? As mães foram as mais citadas (35% crianças), seguido de colegas de aula (12,5%), avós (10%), parentes adultos (10%), crianças e primos da vizinhança (10%), pai (7,5%), vizinhos adultos (5%), amigo adulto (5%), irmão (2,5) e atendente de creche (2,5). Além da mãe, meninas citaram mais colegas de aula e meninos, avós e vizinhos.

### 3.2 Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco na Vida da Criança e da Família

O levantamento sobre eventos de risco foi realizado com 37 crianças, pois três delas, abandonaram a escola durante o ano letivo sem comunicar seu novo endereço. O inventário apontou para a amostra, uma média de 6,8 riscos.

### 3.3 Entrevista com a Criança

A entrevista com a criança levantou dados sobre eventos de vida considerados positivos e negativos. A Tabela 20 apresenta dados sobre eventos de vida percebidos como positivos pelas crianças. Muitas crianças não identificaram eventos de vida positivos, com respostas do tipo “Não lembro” ou negações “Nada”. Comemorações ligadas a aniversários, Natal e Páscoa foram citadas por 20% das crianças, seguido da atividade do brincar (15%) e atenção materna (12,5%). Outros eventos positivos foram associados à frequência na escola, passeios e outras atividades de lazer, redução dos conflitos na vizinhança e a participação na pesquisa.

Tabela 20

*Frequência e percentual de eventos de vida positivos identificados pela criança (n=40)*

Evento Positivo	Frequência	%
Nada, não lembra	15	37,5
Comemorações (Aniversários, Natal, Páscoa)	8	20,0
Brincar com outras crianças	6	15,0
Atenção da mãe	5	12,5
Frequerentar a escola	2	5,0
Lazer, passeios	2	5,0
Mudança de vizinhos violentos	1	2,5
Participar da pesquisa	1	2,5
Total	40	100

Os eventos de vida considerados negativos estão indicados na Tabela 21. A metade das crianças não conseguiu falar sobre estes eventos, respondendo com negativas ou dizendo não lembrar. Eventos ligados à violência (brigas) na família, vizinhança e escola foram os mais frequentes: 27,6%. Outros eventos negativos aparecem com menor frequência e correspondem ao fracasso na escola, frustração por não receber o que desejava, pesadelo, morte na família, doença física da criança e na família, e não conhecer os pais.

Tabela 21

*Freqüência e percentual de eventos de vida negativos identificados pela crianças (n=40)*

Eventos Negativos	Freqüência	%
Nada, não lembra.	20	50,0
Brigas		
na família	4	10,0
na vizinhança	4	10,0
na escola	3	7,6
Fracasso na escola	2	5,0
Frustração	2	5,0
Pesadelo	1	2,5
Morte na família	1	2,5
Não conhecer os pais	1	2,5
Doença física		
na família	1	2,5
na criança	1	2,5
Total	40	100

A violência foi investigada em relação a três variáveis ligadas à vitimização: grito, briga e lesão física. Na Tabela 22 são apresentadas as freqüências destes eventos e as pessoas ligadas à agressão. Muitas crianças negaram ou afirmaram não lembrar de algum evento ligado à agressão. Entre as crianças que confirmaram, foram citados como agressores, dentro da família, a mãe e os irmãos, seguido do pai. Colegas de aula e amigos foram incluídos.

Tabela 22

*Percentual de variáveis ligadas à vitimização em relação ao agressor, identificadas pela criança (n=40)*

Pessoa citada	Grito	Briga	Lesão física
Ninguém/Não lembra	35,0	50,0	45,0
Mãe	35,0	17,5	20,0
Irmãos	12,5	15,0	12,5
Pai/padrasto	5,0	5,0	15,0
Colega de aula/amigo	7,5	10,0	7,5
Tios	5	0	0
Avós	0	2,5	0
Total	100	100	100

### 3.4 Entrevista com a Mãe ou Cuidador

A entrevista com a mãe ou pessoa responsável pelos cuidados da criança forneceu dados sobre o contexto familiar, vizinhança e outros ambientes freqüentados pela família. As respostas às questões foram categorizadas e computadas em percentuais, sendo apresentadas nos tópicos a seguir.

#### 3.4.1 Estruturas Familiares

Além da presença de famílias tradicionalmente formadas por mãe e pai biológicos (41,7%), foi observada a incidência de famílias com única mãe ou pai (30,6%), e famílias reconstituídas, com mãe biológica e padrasto (22,2%). Duas famílias eram compostas por mãe e pai substitutos (5,5%), ou seja, pais adotivos e avós que assumiram o cuidado da criança.

#### 3.4.2 Características das Famílias

Para identificação do contexto familiar foram levantados dados sobre os casamentos dos pais, número de filhos, abortos, filhos mortos, posição da criança na família em relação aos irmãos e casamentos da mãe. Em cada lar, moram em média 5,24 pessoas. Da amostra de mães,

58,4 % apresenta um casamento, 33,3%, dois casamentos e 8,3 %, três casamentos. O número de casamentos de pais varia de 61,1 % no primeiro casamento, 33,3 % no segundo casamento e 5,6 sem nenhum casamento.

As entrevistas, em sua maioria, foram respondidas pela mãe e alguns dados como o número de filhos e posição da criança na família foi considerado a partir do número total de casamentos da mãe. As mães referiram em média 4,6 filhos. Abortos foram confirmados por 32% das mães, sendo que metade deste grupo fez um aborto, 37,5% das mães que abortaram, passaram por dois abortos, e 12,5% por três abortos. Filhos mortos foram identificados por 16% das mães e 8% apresentava filhos em situação de rua, vivendo ou trabalhando na rua.

A posição da criança em relação aos casamentos da mãe apontou para filhos do primeiro casamento em 60% dos casos, de uma segunda união em 24%, e de uma terceira, em 4% da amostra. Em relação aos irmãos, as crianças situavam-se entre segundo (24%), terceiro (20%), e quarto (16%) filho. Primeiro e sexto filho aconteceram em 12% dos casos. Filho único, sétimo e oitavo foi observado em 4% da amostra. Uma das crianças havia sido adotada aos cinco anos e, mesmo sabendo informar que tinha muitos irmãos, desconhecia suas idades. Para esta criança não foi possível identificar a posição em relação aos irmãos.

#### 3.4.5 Problemas de Saúde Física e Mental

Os fatores de risco relacionados à saúde física das famílias foram levantados em três categorias: problemas físicos, uso de drogas e doença mental. Os problemas físicos mais freqüentes foram: AIDS (19%), problemas cardíacos (14%). Outros, menos freqüentes, foram apontados: gravidez de alto risco (5%), tuberculose (5%) e desnutrição (2,5 %). Os distúrbios emocionais mais citados foram depressão (16%), ansiedade (12%) e psicoses (4%). O uso de drogas foi mais relacionado com bebidas alcoólicas (48%), tabaco (28%), cocaína (8%) e maconha (8%).

#### 3.4.6 Condições Ambientais de Moradia e Vizinhança

As famílias residem em moradias de duas a três peças, algumas sem banheiro. Um terço destas casas é construída com madeira ou outros materiais de sucata como restos de móveis e lonas.

De um modo geral, a localização da moradia é valorizada pela proximidade com centros de comércio e serviços. Outro aspecto de valorização do ambiente físico é a proximidade com

parentes. Sessenta por cento das mães afirmou gostar do local onde mora e 52% não deseja mudar-se, porque encontram mais recursos de assistência, escola e comércio próximo de seus lares (28%), além de transporte acessível e boa convivência com vizinhos (8%). Uma mãe (4%) respondeu que gostaria de permanecer no local e melhorar sua moradia. Oito por cento não soube justificar sua resposta.

Entre os grupo de pais que afirmou desejar mudar-se para outro local, quarenta e quatro por cento manifestou o desejo de mudar-se para um local mais arborizado, para uma casa maior (20%) e afastada do tráfico de drogas (12%). Uma mãe expressou o desejo de encontrar mais trabalho em outro local. Três mães (12%) não souberam justificar o desejo de mudança.

Em relação à vizinhança, observou-se que 48% das mães ou cuidadores referiram gostar de conviver com seus vizinhos e não apontaram aspectos negativos. Quarenta por cento afirmou não gostar dos vizinhos, do tráfico de drogas e da violência da polícia. O restante (12%) apontou aspectos negativos, como a ausência de esgoto e de área verde.

#### 3.4.7. Pobreza

Ao serem questionados sobre o que é ser pobre para eles, os pais responderam que ser pobre é não ter dinheiro para comprar o necessário (40%) e não ter bens materiais (16%). A pobreza é atribuída à falta de ambição por 12% da amostra de pais, ao fato de terem nascido pobres (12%) e não terem estudo (4%). Em outra questão, responderam que as pessoas são pobres porque não lutam para superar a situação em que vivem (24%), não estudam e não trabalham (24%). A solução para a situação de pobreza é esperada do governo, através de mais empregos e melhores salários (68%). Duas mães (8%) apontaram a perseverança ou necessidade de manter objetivos de vida para superar a pobreza. Vinte e quatro por cento não soube opinar sobre alternativas de solução para esta situação.

#### 3.4.8 Violência

A presença de violência na vizinhança foi confirmada por 88% dos pais. Eventos como invasão da polícia, tiroteios, assaltos e assassinatos, além de discussões e ameaças, foram os mais citados. Assaltos foram assistidos por 32% dos pais, e 24% afirmou já ter assistido a assassinato. Vinte por cento dos pais acreditam que seus filhos já assistiram a assalto e 4% a morte. Um terço dos pais informou que seus filhos já assistiram a algum tipo de violência física

e verbal e 20% afirmou ter sido assaltado e suas casas invadidas pela polícia, para vistoria sobre drogas.

A existência de violência nos lares foi confirmada por 68% das mães e identificada entre os filhos. Quarenta por cento relatou discussões verbais e 28%, discussões acompanhadas de agressões físicas (surras) com relho e pedaços de pau. A presença das crianças, como testemunha, foi apontada por 28% das mães. As brigas entre os filhos foram confirmadas em 48% dos casos na forma de discussões, tapas e pauladas. As reações das crianças, nestes momentos, foram mais associadas ao medo: “fica nervoso (a)”, “atacado (a)”, “fica que é só olho”; atitudes de não envolvimento e retraimento; ou ainda, atitudes de provocação, “enticando”, achando graça, rindo ou envolvendo-se na discussão. Para modificar esta situação, 24% das mães entendem que devem dar conselhos e conversar com os filhos, ou ocupar as crianças com trabalho; 12% afirmam que é necessário exigir mais a presença do pai; 20% das mães verbalizaram que não sentem necessidade de intervenção nos conflitos entre os filhos. Quarenta e quatro por cento das mães não souberam responder a esta questão, sem justificar.

#### 3.4.9 Mortes na Família

A morte de algum parente próximo, nos últimos cinco anos, foi identificada em um terço das crianças entrevistadas. Tios, irmãos e pais foram citados. A causa das mortes estava relacionada a assassinatos (17%), acidentes de trânsito e tuberculose (17%), AIDS, e com menor frequência, prematuridade, suicídio e problemas cardíacos.

#### 3.4.10 Familiar Preso ou Detido

A existência de prisão de algum familiar próximo foi confirmada por 44% das mães e pai entrevistados. Foram citados pais, padrastos e tios das crianças.

#### 3.4.11 Relações na Comunidade

As famílias, em sua maioria (80%), não freqüentam centro comunitário, esportivo ou clube recreativo. O apoio social provém de centros religiosos freqüentados por 56% das famílias. Não foram especificados os tipos de instituições religiosas.

Algum tipo de ajuda, financeira ou com alimentos, tem sido recebida por 52% das mães. Quarenta por cento informou não receber qualquer ajuda. Uma mãe (4%) afirmou beneficiar-se

de ajuda espiritual, do centro religioso que freqüenta. Um dos entrevistados não respondeu esta questão.

A pessoa mais procurada para pedido de ajuda, pelas mães, é sua própria mãe (24%), seguido da religião (16%), empregador (12%), pai (8%), marido (8%), médico do posto de saúde (8%). Irmão (4%) e filha (4%) foram menos citados e 8% afirmou não recorrer a ninguém para pedir ajuda. Duas mães (8%) não responderam a esta questão.

#### 3.4.12 Escolha de Vida, Bem-estar e Expectativas Futuras

Sessenta e quatro por cento das mães expressaram o desejo de mudar suas vidas. As mudanças mais freqüentes foram ligadas ao aumento das condições financeiras (28%), planejamento do número de filhos (16%), mais saúde na família (16%) e mudança para vizinhança mais tranqüila (16%). Também foi citado pelas mães o desejo de realização acadêmica e profissional (8%), lazer e viagens (8%) e separar-se do marido (8%).

Trinta e seis por cento das mães responderam que sentem-se felizes da maneira como estão vivendo. Felicidade foi associada ao bem-estar dos filhos através da saúde, realização acadêmica e profissional (12%). As demais respostas foram individuais. As mães afirmaram que para serem felizes necessitariam de paz, mudança de residência para um ambiente sem drogas ou violência, encontrar a cura da AIDS, concluir a casa onde moram, ganhar na loteria e concluir os estudos.

Questionadas sobre seus planos futuros, 56% das mães respondeu que desejam o bem-estar dos filhos através da saúde, realização acadêmica e profissional. Vinte e oito por cento das mães manifestou o desejo de conseguir trabalho ou emprego. Algumas mães citaram paz e sossego (12%) como plano para o futuro, assim como obter uma moradia em melhores condições (12%). Acompanhar o crescimento dos filhos foi apontado por uma mãe, portadoras do vírus HIV, e o único pai que participou da entrevista (8%). A conclusão dos estudos (8%) foi citada por duas entrevistadas. Doze por cento das mães afirmaram não ter planos para o futuro.

As expectativas em relação ao futuro das crianças foram levantadas considerando o momento presente, a adolescência do filho e a vida adulta. Trinta por cento das mães entrevistadas não definiram qualquer expectativa em relação aos filhos, no momento presente. A ausência de expectativas em relação à adolescência dos filhos foi observada em 22% da

de ajuda espiritual, do centro religioso que frequenta. Um dos entrevistados não respondeu esta questão.

A pessoa mais procurada para pedido de ajuda, pelas mães, é sua própria mãe (24%), seguido da religião (16%), empregador (12%), pai (8%), marido (8%), médico do posto de saúde (8%). Irmão (4%) e filha (4%) foram menos citados e 8% afirmou não recorrer a ninguém para pedir ajuda. Duas mães (8%) não responderam a esta questão.

#### 3.4.12 Escolha de Vida, Bem-estar e Expectativas Futuras

Sessenta e quatro por cento das mães expressaram o desejo de mudar suas vidas. As mudanças mais frequentes foram ligadas ao aumento das condições financeiras (28%), planejamento do número de filhos (16%), mais saúde na família (16%) e mudança para vizinhança mais tranqüila (16%). Também foi citado pelas mães o desejo de realização acadêmica e profissional (8%), lazer e viagens (8%) e separar-se do marido (8%).

Trinta e seis por cento das mães responderam que sentem-se felizes da maneira como estão vivendo. Felicidade foi associada ao bem-estar dos filhos através da saúde, realização acadêmica e profissional (12%). As demais respostas foram individuais. As mães afirmaram que para serem felizes necessitariam de paz, mudança de residência para um ambiente sem drogas ou violência, encontrar a cura da AIDS, concluir a casa onde moram, ganhar na loteria e concluir os estudos.

Questionadas sobre seus planos futuros, 56% das mães respondeu que desejam o bem-estar dos filhos através da saúde, realização acadêmica e profissional. Vinte e oito por cento das mães manifestou o desejo de conseguir trabalho ou emprego. Algumas mães citaram paz e sossego (12%) como plano para o futuro, assim como obter uma moradia em melhores condições (12%). Acompanhar o crescimento dos filhos foi apontado por uma mãe, portadoras do vírus HIV, e o único pai que participou da entrevista (8%). A conclusão dos estudos (8%) foi citada por duas entrevistadas. Doze por cento das mães afirmaram não ter planos para o futuro.

As expectativas em relação ao futuro das crianças foram levantadas considerando o momento presente, a adolescência do filho e a vida adulta. Trinta por cento das mães entrevistadas não definiram qualquer expectativa em relação aos filhos, no momento presente. A ausência de expectativas em relação à adolescência dos filhos foi observada em 22% da

amostra de pais. Para a vida adulta, a ausência de expectativas é de 28%. As expectativas estruturadas, no momento presente, concentram-se na futura profissão dos filhos (30%).

As profissões valorizadas pelas mães e pai entrevistados são de médico, jogador de futebol, professor, advogado, militar e motorista. No momento presente, estes pais esperam dos filhos prazer no relacionamento afetivo (não ser nervoso, dar alegrias), em 17% dos casos. Vinte e dois por cento dos entrevistados espera que seus filhos trabalhem e concluam os estudos.

Ao falarem sobre a adolescência de seus filhos as mães e pai entrevistados manifestaram o desejo de que busquem uma profissão (22,2%). Expectativas sobre participação social e diversão foi citada por 16,6% das mães. Onze por cento, espera que seus filhos continuem os estudos durante a adolescência. Algumas mães esperam que seu filhos apresentem dificuldade de relacionamento (11%) e que sejam nervosos e medrosos (6%). Em relação às filhas foi observado que algumas mães esperam que sejam bonitas, meigas e queridas (11%).

Algumas perguntas não foram categorizadas devido a ausência de conteúdos relevantes. Questões respondidas com “bem” e “bom”, sem acréscimo de informações, não foram comentadas. Os resultados das entrevistas com as mães e pai foram associados aos dados do mapa e levantamento sobre eventos de risco.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo são discutidos de forma a integrar os dados do Mapa dos Cinco Campos, Inventário sobre Ocorrência de Eventos de Risco e entrevistas com a criança e mãe ou cuidador. Esta integração objetiva a compreensão dos processos envolvidos no desenvolvimento da criança conforme propõe Bronfenbrenner (1986; 1989; 1979). A metodologia empregada forneceu dados para a análise estatística e sua complementação, com entrevistas no ambiente natural da criança, proporcionou informações para uma análise inferencial e interpretativa.

#### 4.1 Estrutura das Redes de Apoio Social e Afetivo

A estrutura das redes de apoio social e afetivo revela o tamanho e preferência por determinado campo ou ambiente. A amostra de crianças apresentou um número médio de pessoas por mapa (Tabela 4) que corrobora estudo realizado com crianças suecas entre nove e dezesseis anos de nível sócio-econômico médio (Samuelsson, Thernlund, & Ringström, 1996). Utilizando o Mapa dos Cinco Campos em um grupo de controle composto de trinta e um escolares de famílias com mãe e pai biológicos, e trinta e nove crianças de família com único pai ou mãe, os pesquisadores suecos encontraram medianas do número total de pessoas citadas de 19 e 20,95, respectivamente. Robinson e Garber (1995) citam uma média de 20 pessoas nas redes de apoio social de indivíduos adultos sem diagnóstico psiquiátrico. Mesmo pertencendo a um grupo cultural e sócio-econômico distinto, as crianças pesquisadas apresentaram resultados semelhantes.

A correlação entre os totais do mapa mostra uma relação direta entre os campos Escola e Vizinhos/Amigos (Tabela 5). Crianças que apresentaram maior número de relacionamentos na Escola citaram maior número de pessoas em Vizinhos/Amigos, e vice-versa. Este dado pode ser compreendido sob diversos aspectos. Primeiramente, deve-se considerar a maior intensidade da atividade social em crianças desta faixa etária. Por outro lado, é compreensível que crianças socialmente ativas apresentem maior número de contatos fora da família nuclear e

do círculo de parentes. Por último, verificou-se que o tamanho das redes de apoio social e afetivo na Escola e com Vizinhos/Amigos revela um aspecto da socialização do grupo estudado. Muitos colegas de aula moram na vizinhança e as crianças passam a conhecer novos vizinhos através da escola, assim como encontram amigos da vizinhança no ambiente escolar. Conclui-se que as crianças deste grupo mais envolvidas em relacionamentos com seus vizinhos encontram referenciais no ambiente escolar, assim como a experiência na escola reforça contatos com outras crianças da vizinhança, estimulando sua socialização.

A importância do ambiente familiar e das pessoas que convivem com a criança no seu dia-a-dia pode ser confirmada pela relação entre o número de pessoas citadas no campo Família, que compõe o microsistema familiar da criança, e a média de pessoas que vivem em cada lar. As crianças incluíram no seu mapa, a grande maioria das pessoas com quem residem. Família foi o único campo em que o fator de proximidade mínimo não foi nulo. Alguma intensidade de vínculo afetivo foi apontada pelas crianças. O campo Família foi citado por toda a amostra, enquanto os demais foram omitidos por algumas crianças. Estes dados confirmam a importância da família como a primeira e mais importante rede de apoio social e afetivo, e seu valor como núcleo de formação reside no fato de proporcionar a satisfação das condutas primárias de fixação e exploração mencionadas por Bowlby (1969). É na família que a criança começa a desenvolver as relações de apego primário e secundário.

## 4.2 Funcionalidade das Redes de Apoio Social e Afetivo

A medida do fator de proximidade revela importante aspecto da funcionalidade das redes de apoio social e afetivo. Outras variáveis avaliaram a qualidade dos relacionamentos, como o número de contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfação nos campos.

### 4.2.1 Vínculos Afetivos na Família e em Outros Ambientes

A proximidade da criança em relação à família nuclear foi discutida com mais detalhes devido a sua importância. Os dados relacionados ao fator de proximidade com os pais são apresentados de forma a ilustrar a relação das crianças com seus genitores. Em relação à mãe biológica, a maioria das crianças apresentou fator de proximidade entre 8 e 4 que revela maior grau de proximidade. Os meninos da amostra concentraram maior grau de proximidade com a mãe; meninas apresentaram níveis diversos de maior e menor proximidade com a figura materna (Tabelas 9, 10, 11 e 12). Esta maior intensidade de aproximação dos meninos com a

figura materna é resultado das identificações parentais. Pode-se afirmar que o distanciamento afetivo das meninas decorre da competitividade na divisão dos papéis de cuidado da casa e dos irmãos. Nas estruturas familiares em que o pai está ausente (mãe biológica com padrasto e famílias de única mãe) observa-se o distanciamento dos laços afetivos em relação a figura substituta (padrasto) e o elevado índice de ausência do pai na rede. O afastamento do pai não impediu que algumas crianças o incluíssem no Campo Família ou Parentes.

Quatro crianças atribuíram à mãe menor proximidade; outras quatro, duas meninas e dois meninos, não a incluíram em sua rede de apoio social e afetivo. Nestas crianças observou-se, durante a aplicação do Mapa e por informação da professora, sinais de desajuste, tais como baixo rendimento escolar, hiperatividade, ansiedade, retraimento, dificuldade de comunicação e de contato face-a-face. A vulnerabilidade deste sub-grupo da amostra deve ser melhor avaliada. A falta da referência materna no Mapa pode ser correlacionada com índices de ajustamento psicológico, adaptação no ambiente acadêmico e competência social. As diferenças nos níveis de adaptação necessitam ser avaliadas em conexão com outros fatores de proteção apontados por Garnezy (1996): constância e permanência no cuidado à criança, habilidades para solução de problemas, empatia no relacionamento com amigos e adultos, percepção de eficácia, identificação com modelos competentes e engenhosidade e aspiração. Estas associações levariam a uma melhor avaliação sobre a não inclusão da mãe biológica na rede de apoio social e afetivo destas crianças.

A citação de pais mortos foi considerado um aspecto que merece comentários. Duas irmãs, de nove e sete anos, viviam com a mãe substituta devido ao falecimento dos pais e incluíram em seu Mapa a mãe e o pai mortos. Compreender a inclusão de pais mortos pelas duas crianças da amostra exige a consideração de aspectos do desenvolvimento e da cultura familiar. A criança percebe o mundo através de seus sentidos, pelas informações trazidas e comunicadas por outras pessoas e por suas fantasias sobre os eventos. A idade das meninas na época da morte da mãe, cinco e três anos, esclarece porque a irmã mais velha incluiu mãe e pai mortos, enquanto a irmã mais nova incluiu somente o pai e falou dele como se ainda estivesse vivo e residindo em outro local. Crianças mais velhas apresentam melhores condições intelectuais para compreender separações e perdas, enquanto crianças mais novas utilizam a fantasia como forma de compensação. O ambiente familiar, a relação com parentes além das crenças compartilhadas por seus membros revelam aspectos do contexto que influenciam na percepção da criança sobre a morte e figuras parentais. No caso relatado, a religiosidade da

família reforçava a crença de vida após a morte. A proximidade de moradia dos parentes fazia com que as duas meninas convivessem diretamente com tios maternos que falavam sobre as características da mãe morta. A memória da mãe, presente nas referências diárias às atitudes e postura materna, era trazida como modelo a ser seguido pelas meninas. O pai morto era lembrado como uma figura mais distante, pois abandonou a família na segunda gravidez da mãe.

Dois meninos incluíram no Mapa irmãos que não conheciam pessoalmente, mas que ouviram falar através do contato com o pai. Um deles viviam somente com a mãe e o outro com a mãe e padrasto. O afastamento dos meio-irmãos era compensado com sua inclusão na rede de apoio social e afetivo e traduz a esperança que estas crianças demonstravam de um dia conhecê-los. Os laços afetivos gerados pela consangüinidade justificam reconhecimento dos vínculos e desejo de proximidade.

Considerando o fator de proximidade levantado pelo Mapa dos Cinco Campos, como um índice do potencial afetivo da criança, encontrou-se resultados que podem esclarecer as diferenças individuais na adaptação aos diversos ambientes. O fator de proximidade mediano encontrado neste estudo confirma dados da pesquisa desenvolvida por Samuelsson, Thernlund e Ringström (1996). Estes pesquisadores encontraram mediana 80 para o fator de proximidade do grupo controle de escolares. A presente pesquisa levanta dados de uma população de crianças brasileiras que vivem em vilas centrais de Porto Alegre, em ambientes de grande violência. É necessário que novos estudos levantem dados sobre outros grupos amostrais de diferentes níveis sócio-econômicos e etários.

O fator de proximidade médio apresentou correlação nos campos Família e Vizinhos/Amigos, Parentes e Escola. Iniciando pela relação entre Família e Vizinhos/Amigos sustentou-se a afirmação de Boyce (1985) de que a estabilidade e reciprocidade dos relacionamentos no ambiente familiar capacita a criança a investir fora do lar pelo reforço do senso de segurança individual. O desenvolvimento de laços afetivos intensos na Família, como define Ainsworth (1996), influencia nos relacionamentos fora do lar (Vizinhos/Amigos). Se os modelos parentais do microsistema familiar desenvolvem apegos seguros, a criança irá transpor estes padrões para os demais ambientes a nível de mesossistema, como propõe Bronfenbrenner (1979).

Do mesmo modo, a relação direta entre Parentes e Escola (Tabela 8) demonstra que a intensidade de vinculação com a família extensiva assegura um maior envolvimento na Escola.

A criança irá estender para o ambiente escolar sua disposição emocional e modelos de apegos secundários, desenvolvidos no mesossistema familiar. Isto pode ser compreendido, também, pelo fato de alguns primos freqüentarem a mesma escola das crianças pesquisadas e da proximidade de moradia de familiares. Como afirmou Levitt (1991) a influência de outros níveis hierárquicos do meso-, exo- e macrossistema definidos por Bronfenbrenner (1979) exercem grande influência pelo desenvolvimento de vínculos e padrões de relacionamentos próprios destes níveis. O bom relacionamento com parentes é fator de proteção para este grupo de crianças, que convive com situações de alto risco, porque reforça a auto-estima e proporciona mais segurança para o investimento em novos contatos afetivos ao mesmo tempo que capacita a criança para o envolvimento em outros ambientes (Bronfenbrenner, 1979).

A participação dos pais com a escola favorece o desempenho e ajustamento dos filhos no ambiente escolar (Gill, Reynolds & Pai, 1995). As famílias das crianças pesquisadas estão envolvidas com a escola através dos pais e demais parentes que comparecem ao final do semestre para receber a avaliação e conversar com a professora. Verificou-se neste estudo as afirmações de Bronfenbrenner (1986) sobre a mútua influência entre Família e Escola através da presença de irmãos, primos e outros parentes no ambiente acadêmico. Este aspecto pode ser considerado um fator de proteção para a melhor adaptação e vinculação das crianças na escola.

#### 4.2.2 Como a Criança Percebe os Riscos: Contatos Negativos, Conflitos, Rompimentos e Insatisfações

Outras variáveis que medem a funcionalidade da rede de apoio social e afetiva das crianças referem-se à presença de contatos negativos, conflitos e rompimento nos relacionamentos. Estas variáveis foram estudadas separadamente e correlacionadas.

Primeiramente, é necessário fazer uma distinção entre contatos negativos e conflitos para uma melhor compreensão dos resultados. Os contatos negativos correspondem à percepção de relacionamentos que desagradam à criança e são avaliados como negativos; e conflitos são relacionamentos marcados por agressividade. Os dois aspectos estão ligados, pois todo conflito é percebido como negativo, entretanto, algumas diferenças encontradas nos grupos de meninos e meninas revelam que são medidas distintas. A presença de pelo menos um conflito por Mapa foi elevada (Tabela 15) e a percentagem de meninos que apresentou pelo menos um contato negativo (Tabela 14) é superior em relação às meninas. Contatos negativos e conflitos são variáveis diretamente relacionadas (Tabela 18) e seu elevado índice na amostra reflete os altos

níveis de violência na família e vizinhança, no grupo pesquisado. As crianças citaram conflitos com maior intensidade dentro da família, dado confirmado na entrevista com as mães, enquanto contatos negativos foram mais observados fora dela.. Os laços afetivos, conforme definição de Ainsworth (1996), convivência diária e dependência dos membros da família fazem com que as crianças preservem estes relacionamentos, mesmo conflitados. Isto pode ser confirmado pela ausência de insatisfação no campo Família e poucas verbalizações de brigas no lar, em resposta à entrevista.

Apesar disto, a maioria das mães e pai entrevistados confirmaram a presença de violência na família através de discussões verbais e agressões físicas. Embora o ambiente familiar seja marcado, em muitos casos, por conflitos ou agressões e gere padrões de comportamentos agressivos, os contatos negativos são percebidos fora deste contexto, principalmente na vizinhança e escola que é emergente das novas experiências de relacionamento. Da mesma forma compreende-se a insatisfação mais elevada fora da família: o Campo Vizinhos/Amigos foi apontado como fonte de maior insatisfação pelo grupo de crianças (Tabela 17). Mesmo que a agressividade esteja presente na família a criança não verbaliza com facilidade esta situação, como já foi mencionado, pela provável dependência e necessidade de preservar o núcleo familiar. Nos momentos de violência, as reações das crianças, descritas pelas mães, são relacionadas ao medo: nervosismo, expressão de pavor, ansiedade, não envolvimento e retraimento. O medo faz com que as crianças não identifiquem a violência na família, porém, percebem com mais facilidade na escola e em outros ambientes em que mantêm contatos de menor dependência.

Outro aspecto que pode contribuir para a dificuldade de identificar a violência na família está na forma como os pais enfrentam estas situações. Na entrevista com as mães e pai, pouco menos da metade respondeu não saber o que fazer em situações de brigas entre os filhos. Se incluirmos a percentagem de pais que não sentem necessidade de intervir podemos concluir que a maioria (64%) não intervém ou não sabe como fazê-lo. Assim, muitas crianças convivem com situações de violência sem reconhecer os prejuízos que acarretam e sem refletir com adultos sobre formas de solução de conflitos sem uso da violência.

A presença de conflitos e contatos negativos deve, também, ser analisada em relação ao fator de proximidade médio e presença de violência nos lares. O campo Família apresenta correlação com Vizinhos/Amigos e os riscos encontrados concentram-se na família e vizinhança. Observou-se que a maior proporção de conflitos foi observada na Família e a

maioria das crianças aponta a mãe, irmãos, pai ou padrasto como responsáveis por agressões diretas e indiretas. É possível concluir que estas crianças encontram-se mais expostas à violência podendo tornar-se vulneráveis a manifestação de comportamento violento. No momento em que ingressam na escola acentua-se a disposição emocional ao novo ambiente e a adaptação pode ser marcada por episódios de conflitos e agressões. Na escola as crianças estarão reproduzindo padrões de relacionamento do ambiente familiar e vizinhança, onde passam a maior parte de seu tempo. Estarão buscando, por outro lado, modelos alternativos para novos relacionamentos além de estratégias para enfrentar situações de vida. Assim, o microsistema da escola podem representar um ambiente mediador das influências de padrões de relacionamentos aprendidos na família e vizinhança, e facilitador de resiliência (Bronfenbrenner, 1989).

Enquanto contatos negativos e conflitos apresentaram correlação, o índice de rompimento nos relacionamentos não foi correlacionado com nenhuma das demais variáveis. Pode-se questionar sobre o significado individual dos rompimento nos relacionamentos, para as crianças estudadas.

Primeiramente é importante apontar que o índice de rompimento nos relacionamentos é alto. A percepção de rupturas nos vínculos acentua-se diante da convivência com situações de conflito constantes e não solucionadas. Outras variáveis influenciam no julgamento das crianças sobre rompimento de relações. A estrutura familiar (presença ou ausência dos pais) pode levar a criança a identificar de forma distinta afastamentos dos genitores e a estabilidade dos laços afetivos. Eventos de vida ligados à separação e morte necessitam, também, ser relacionados. As crianças estudadas convivem com separações e perdas significativas, com relativa freqüência, como observou-se pela presença de separações conjugais, abortos na família, perda de irmãos e mortes ligadas à assassinatos, acidentes e AIDS. Estes eventos intensificam experiências de separação e perda que podem tornar-se banalizados pelas crianças, principalmente, se foram experimentados em idade precoce. Em seus relacionamentos posteriores, passam a incluir, mais intensamente, a possibilidade de rompimentos e perdas como forma de solução.

A análise individual dos Mapas revela como cada criança percebe rompimento nos relacionamentos. O caso apresentado (Anexo VII) é de um menino de nove anos que vivia com a mãe, o padrasto e duas irmãs de 11 e 5 anos, em um barraco no mesmo terreno em que residia a irmã mais velha com o marido e filha. Este menino dividia o cuidado da casa e da irmã mais nova, de 5 anos, com a outra irmã de 11. O terreno em que vivia era um estacionamento

de automóveis cuidado pelo cunhado e irmã mais velha. Tinha muitos problemas com a irmã mais velha e cunhado porque não podia utilizar o espaço do estacionamento para brincar e jogar bola. No Mapa apontou conflitos no relacionamento com a irmã e rompimento com o cunhado dizendo sofrer ameaças e agressões físicas dos dois. O pai é citado apesar de viver em outro endereço. Além da casa onde morava, este menino freqüentava somente a escola onde mantinha um bom relacionamento, tanto com colegas de aula quanto com professores e direção. Apresentava algumas dificuldades afetivas que o deixavam queixoso e desconfiado em relação aos colegas de aula. No campo Parentes citou primos, que viu uma única vez e disse que gostou de tê-los conhecido. Citou uma avó que morava longe e lembrou dos avós maternos mortos que não conhecia, mas que eram muito lembrados por sua mãe. Decidiu não incluir estes avós no Mapa. Observa-se neste menino a necessidade de contatos positivos na família. A irmã mais velha e o cunhado são considerados contatos negativos pela forma agressiva com que relacionam-se com ele. Na escola busca relacionamento com um grande número de pessoas como forma de compensação. A identificação de rompimento na família, neste caso, está associada a maltrato físico. No campo Vizinhos/Amigos indicou rompimento no relacionamento com um menino que abusou de sua irmã de onze anos ao expor seus genitais. Mesmo exposto a um grande número de riscos, é possível identificar neste menino fatores de proteção, que estimulam resiliência, e que residem no bom relacionamento com a mãe, irmãs, professora e colegas de aula.

#### 4.2.3 Diferenças de Gênero

As diferenças de gênero nos resultados do Mapa dos Cinco Campos foram identificadas estatisticamente e através de observações. A grande maioria dos meninos apontou a Família em primeiro lugar, enquanto as meninas apontaram outros Campos como Parentes e Escola (Tabela 6). A valorização de outros ambientes pelas meninas sugere que apresentam maior autonomia que os meninos, ou que buscam relacionamentos de apoio fora da família nuclear. A causa disto pode estar relacionada à educação das meninas voltada para o cuidado da casa e dos irmãos. Mostrando-se mais ativas e determinadas na família, as meninas são reforçadas em atitudes de autonomia e decisão. Entretanto, o excesso de responsabilidades em fase evolutiva precoce intensifica sentimentos de desamparo que pode levá-las à busca de relacionamentos de apoio fora do lar, com parentes, vizinhos e na escola. Estas estratégias podem ser consideradas fatores de proteção diante da necessidade de amparo e segurança para as meninas. Uma menina

de 8 anos (Anexo VI) citou a Escola em primeiro lugar e os colegas de aula como recurso de apoio em caso de necessidade. Esta menina vivia com pais substitutos, que não tinham outros filhos. A mãe biológica era prostituta e perdeu a guarda dos filhos por permitir que as crianças acompanhassem seus encontros. Os irmãos estavam espalhados em outros lares ou instituições. A menina apresentava bom rendimento escolar e favorável adaptação com colegas de aula e professora. Suas dificuldades estavam ligadas a ansiedade e necessidade de constante apoio e atenção. Os dados de seu Mapa mostraram que a Escola era o ambiente mais importante, seguido da Família e Vizinhos/Amigos. O enfoque ecológico propõe que os diversos ambientes freqüentados pela criança sejam analisados em conexão com a família (Bronfenbrenner, 1986). Podemos compreender na história desta menina alguns mecanismos de compensação das dificuldades vividas na família de origem, do distanciamento dos parentes e convivência na família substituta. Os conflitos com o pai substituto, que bebia e agredia fisicamente ela e a mãe, eram amenizados com a convivência na vizinhança. Ela buscava a companhia de vizinhos quando os pais brigavam e dizia que só retornava para casa quando as brigas cessavam. Se ao retornar os pais ainda estivessem brigando procurava outro vizinho para ficar. Mesmo convivendo com conflitos na família e alcoolismo do pai, esta menina afirmava que seus pais substitutos gostavam muito dela. Neste caso, observa-se um esforço pessoal no sentido de superação das experiências negativas vividas com a família de origem e família substituta. Para esta menina, a capacidade de estabelecer laços afetivos no lar substituto, e a busca de contatos com vizinhos e na escola, correspondem a fatores de proteção que reduzem o impacto dos riscos existentes na família. Verifica-se aspectos de resiliência pela forma como utiliza sua rede de apoio para conquistar aprovação e afeto das pessoas com quem convive.

A constatação de diferenças entre meninos e meninas para contatos negativos pode ser analisada a partir das afirmações de Benenson (1996) sobre diferenças de gênero. Segundo esta autora, meninos desta faixa etária buscam nos grupos de iguais a expressão de sua assertividade e força ao mesmo tempo que encontram nestes relacionamentos uma forma de regulação. A agressividade é transformada em comportamentos verbais e gestuais favorecendo a adaptação e desenvolvimento. Se meninos percebem mais agressividade nos relacionamentos é esperado que desenvolvam mais contatos negativos.

Entretanto, este dado deve ser analisado considerando o contexto, processos e momento evolutivo, conforme propõe Bronfenbrenner (1988). Conflitos na família foi associado a um maior número de contatos negativos na escola para meninas e nos diversos ambientes para os

meninos. Concluem-se que as meninas manifestam no envolvimento na escola os reflexos das tensões familiares enquanto os meninos apresentam dificuldades de relacionamento em todos os ambientes freqüentados. A vulnerabilidade dos meninos aos conflitos da família deve ser melhor avaliada, quanto aos fatores de risco envolvidos, conforme mencionado na literatura sobre resiliência (Werner & Smith, 1992).

O alto índice de eventos de risco para cada criança caracteriza um contexto marcado por separações conjugais e violência na família e vizinhança. Meninos em torno de oito anos encontram-se em momento evolutivo direcionado às interações sociais e incrementado pelo ingresso na escola. A busca de relacionamentos como forma de domínio da força e expressão de assertividade faz com que envolvam-se em situações potencialmente violentas na família e vizinhança. Conseqüentemente, estes meninos estarão mais propensos ao envolvimento em conflitos e elevando a percepção de contatos negativos. A vulnerabilidade a situações de violência decorre da forma ativa com que utilizam o ambiente e os relacionamentos para sua adaptação. Rutter (1987) afirma que meninos reagem de forma opositora e agressiva, preferentemente a demonstrar empatia diante de situações de conflito. Desta forma, é possível compreender que as meninas da amostra, expostas a situações de riscos semelhantes, não percebem contatos negativos com a mesma intensidade porque avaliam a realidade diferentemente dos meninos e adaptam-se de forma distinta no ambiente. Gilligan (1982) argumenta que a ética da responsabilidade é central nos conteúdos morais femininos, embasando o *self* no mundo dos relacionamentos e promovendo atividades de cuidado com as demais pessoas. Além de demonstrarem empatia com parceiros a adaptação das meninas envolve a busca de aproximação e cuidado (Benenson, 1996).

#### 4.2.4 Relação entre as Redes de Apoio Social e Afetivo, Fatores de Risco e de Proteção

A resiliência está relacionada com a formação e manutenção das redes de apoio social e afetivo individuais. Este estudo objetivou o levantamento de eventos de risco para analisar possíveis associações com o dados do Mapa. Não foi constatada correlação entre o escore de risco total e o total de pessoas citadas no Mapa. O valor de correlação foi muito baixo. Mesmo repetindo a análise separadamente para meninos e meninas, chegou-se a resultados semelhantes. A análise deste resultado exige a revisão do conceito de apoio social conforme as afirmações de Pierce e colaboradores (1996). A atribuição da característica de apoio aos relacionamentos dependerá da percepção de cada criança: ser amada, cuidada, estimada,

pertencendo, etc. A influência dos esquemas de apoio será observada apenas indiretamente através das reações das crianças às situações de risco. Por exemplo, pode-se concluir que a percepção de maior apoio corresponde a uma visão de risco reduzida. Do mesmo modo, a presença de ajustamento psicológico e ausência de sintomas psicopatológicos, mesmo sob condições de alto risco, podem estar relacionados ao aspecto protetivo das redes de apoio social. Reforçando as afirmações de Pierce e colaboradores (1996) sobre as conseqüências do apoio social no desenvolvimento, outras variáveis necessitariam ser avaliadas para uma melhor compreensão da relação entre apoio social e situações de risco. Estas variáveis poderiam consistir nos padrões de adaptação e estratégias de solução de conflitos das crianças. Considerando que o convívio com modelos adultos positivos, que proporcionam ajuda em situações de maior *stress*, estimulam a resiliência nas crianças (Werner & Smith, 1992), seria importante analisar o tipo de relacionamento estabelecido entre a criança e a pessoa citada como fonte de ajuda. Medidas de ajustamento psicológico, como as listas de comportamentos, poderiam ser relacionados com os dados do Mapa, simultaneamente ao levantamento de eventos de risco. A relação dos riscos poderia ser mais específica e contextualizada no tempo de ocorrência, proporcionando outras variáveis para associações, como a frequência e intensidade. A fase evolutiva da criança deve, igualmente, ser considerada na avaliação dos efeitos dos riscos em relação à ajuda recebida. A partir das observações deste estudo, as avaliações longitudinais poderão esclarecer melhor a relação das redes de apoio social e afetivo com fatores de risco, em crianças resilientes e vulneráveis.

O levantamento de fatores de risco deve considerar o ponto-de-vista da criança, sua experiência nos diversos ambientes e percepção sobre a ocorrência de eventos (Bronfenbrenner, 1988). Neste estudo, foi realizada uma entrevista com a criança (Anexo III) para identificar eventos de vida positivos e negativos. A percepção da criança sobre fatores de risco e proteção ao seu desenvolvimento foi verificada nas respostas da entrevista. Oportunidades de interação e congregação foram apontados como aspectos de proteção. Comemorações de aniversários, Natal e Páscoa, assim como brincar com outras crianças foram os eventos positivos mais citados, pelas crianças entrevistadas. A atenção materna foi categorizada como eventos positivos, a partir de respostas que incluíam passear com a mãe no parque, receber algum presente como roupas, doces ou brinquedos. Os eventos negativos mais citados foram as brigas na família, escola e vizinhos. Estes dados associam eventos de risco e de proteção, na percepção das crianças. Lewis e Osofsky (1997) pesquisaram como crianças

identificavam a violência na vizinhança através de seus desenhos. Os itens de violência, categorizados incluíam representações de lesão física, corpos machucados ou mortos, armas de fogo, fumar cigarros e outras transações com drogas, foram comparados com elementos de esperança ou expectativas confiantes, como símbolos religiosos, igrejas, flores, sol radiante, adultos sorrindo e crianças brincando. Os resultados mostraram uma correlação negativa entre aspectos de violência e de esperança. Quando o número de itens de violência aumentava, o nível de elementos de esperança diminuía. Na entrevista realizada com as crianças da amostra, observou-se que a comemoração de datas significativas, o brinquedo e a atenção materna podem ser comparados com elementos de esperança ou expectativas de relacionamentos sem brigas e violência. Não foram realizadas correlações entre eventos positivos e negativos, entretanto, conclui-se que esta análise tornaria mais claro o ponto-de-vista da criança sobre fatores de proteção diante da exposição a situações de violência.

O elemento de proteção ligado às expectativas confiantes foram observados na entrevista com as mães e pai. A maioria esperava melhorar sua condição financeira, familiar e de saúde. Também estavam interessados na redução do nível de violência da vizinhança. Os planos futuros dos pais incluíam o bem-estar dos filhos pela oferta de estudo, saúde e profissionalização. Porém, quando estes pais eram questionados sobre as expectativas em relação à criança pesquisada, as respostas foram mais inseguras. Trinta por cento afirmou não ter expectativas em relação a estes filhos e os demais citaram, apenas nominalmente, a futura profissão. A conformidade com a situação de pobreza e confronto com a realidade diante da constatação de que não estão oferecendo melhores condições ao filho faz com que as expectativas se concentrem na sua futura profissão e possibilidade de melhores remunerações. As mães colocam nos filhos a esperança de mudança e melhoria das condições de vida.

As expectativas futuras em relação aos filhos podem ser consideradas um fator de proteção para as crianças, na medida em que servirem de estímulo a novas conquistas. A ausência de expectativas revela o distanciamento afetivo que pode decorrer dos altos níveis de *stress* vivenciados pelos pais. Entretanto, outros estudos seriam necessários para comparar grupos de crianças cujas mães apresentam expectativas de bem-estar, daqueles, cujas mães não demonstram qualquer expectativa confiante em relação aos filhos. Estes dados devem ser correlacionados com os índices de violência na família a que estão expostos pais e filhos.

O envolvimento na comunidade deve ser compreendido pela percepção da criança e família. A amostra pesquisada apresenta pouco envolvimento em outros ambientes sociais e isto

pode ser confirmado pelo baixo percentual de citações do campo Contatos Formais (Tabela 4). Entretanto, observou-se que o fator de proximidade médio entre a Escola e Contatos Formais apresentou correlação (Tabela 8). Este dado aponta para a influência da formação acadêmica na participação da criança em outros ambientes fora do círculo familiar e vizinhança. A escola prepara a criança para integrar-se na sociedade e buscar oportunidades de novos relacionamentos e modelos de identificação. Contatos Formais podem corresponder a níveis de influência distais do exossistema ecológico, entretanto, a participação em clubes recreativos e esportivos, instituições de assistência social, de saúde e religiosas influenciam positivamente no desenvolvimento das crianças pela oportunidade de crescimento pessoal e social.

A participação comunitária foi citada com baixa frequência pelas mães e pai entrevistados. Constatou-se pouco envolvimento social das famílias, fora do círculo de parentes e vizinhança. As oportunidades de novos contatos sociais provêm de centros religiosos freqüentados pela maioria das famílias. A religião corresponde a um aspecto de apoio social e proteção diante do *stress* diário. Quando estas mães e pai necessitam de ajuda recorrem na maioria das vezes a pessoas da família como mães, pais, marido, irmãos e filhos. Entretanto, um número significativo afirmou recorrer a religiosos, médicos e empregadores. As crianças indicaram a família como maior fonte de ajuda e os recursos fora da família foram menos freqüentes e relacionados a colegas de aula, vizinhos e amigos adultos, como professores e funcionários de escolas e creches. Os pais necessitam de outras alternativas de apoio além de seus familiares, enquanto as crianças manifestam a necessidade de serem auxiliadas diretamente pela família. As crianças investigadas referiram receber ajuda das mães, colegas de aula, crianças da vizinhança e primos, avós e outros parentes adultos. Observa-se que as crianças buscam apoio na figura de apego primária e nos relacionamentos com iguais na vizinhança e escola, e nos parentes. Em estudo com famílias de baixa renda de área urbana, Zamberlan e Biasoli-Alves (1997) encontraram que a criança sai de casa na companhia de adultos, na maioria das vezes, para idas à igreja e compras, e os passeios ocorrem, predominantemente, na visita a parentes. Na amostra do presente estudo observou-se a mesma tendência. Os ambientes freqüentados pelas crianças compreendem a família extensiva, vizinhança e parentes. O envolvimento com a igreja torna-se importante por reunir crianças e adultos na mesma rede social.

As crianças indicaram um número expressivo de parceiros como fonte de ajuda. A busca de apoio com iguais é observada nestas crianças e pode ser relacionada a necessidade de ser amado e valorizado pelo grupo nesta fase evolutiva. Assim, os grupos com os quais a criança

convive representam oportunidades de desenvolvimento e estruturação do *self*. Nas experiências com o grupo a criança poderá utilizar seus modelos de trabalho interno conforme define Bowlby (1969) para reestruturar-se internamente e encontrar formas efetivas de adaptação. Nas relações com parceiros a criança experimentará trocas, recebendo e oferecendo ajuda, que caracterizarão seus relacionamentos de apoio (Pierce & Colaboradores, 1996). Grupos de pares são importantes fontes de apoio social e afetivo para crianças em idade escolar.

#### 4.3 Conclusões

Os resultados deste estudo mostram que o Mapa dos Cinco Campos avalia as redes de apoio social e afetivo de crianças escolares com dados específicos e dinâmicos. A metodologia utilizou diferentes técnicas de pesquisa que geraram dados diversos e complementares. A ampliação metodológica possibilitou uma melhor compreensão de alguns aspectos avaliados pelo Mapa, como o tamanho das redes de apoio, o fator de proximidade, contatos negativos, conflitos e correlações entre os campos citados.

A entrevista com a família foi realizada com apenas um dos genitores, em sua maioria mães. A presença do pesquisador no ambiente supriu as lacunas decorrente das percepções das mães que poderiam omitir e distorcer aspectos significativos. Por exemplo, em algumas entrevistas, avós maternas e filhas mais velhas participavam corrigindo informações e dando opiniões pessoais sobre fatos lembrados. A constatação de alguns riscos identificados no Inventário só foi possível com a convivência do pesquisador no ambiente familiar. A utilização do modelo ecológico para compreensão do contexto e processos de desenvolvimento na família possibilita a identificação de variáveis que determinam a forma de vida e relacionamentos neste meio como concluem Zamberlam e Biasoli-Alves (1997).

Novas pesquisas necessitam ser efetuadas para a melhor compreensão da mútua influência entre eventos de risco e redes de apoio social e afetivo. A violência presente na família e vizinhança é um fator de risco muito observado e que é conduzido e percebido de forma distinta pelas famílias e crianças. Pettit, Bates e Dodge (1997) pesquisaram 585 mães de crianças pré-escolares durante um período de sete anos. Concluíram que apoio dos pais é um aspecto moderador ao impacto negativo dos riscos em crianças pequenas, que influencia sua adaptação na escola. Entretanto não ficou claro se os altos níveis de apoio dos pais decorriam de sua natureza saudável ou dos atributos da criança.

Assim, estudos diferenciados deveriam ser realizados para esclarecer a relação entre as redes de apoio e níveis de ajustamento psicológico das crianças. A capacidade de realizar trocas afetivas na família, escola e vizinhança influencia na estruturação das redes de apoio social e afetivo e reforça aspectos saudáveis da personalidade. A importância do apoio social fora da família deve considerar o ponto-de-vista da criança e sua adaptação nestes ambientes. A formação da *escolta*, que protegerá e impulsionará o desenvolvimento da criança, não dependerá somente da organização familiar (Levitt, 1991). Condições individuais, do contexto e das relações nos diversos ambientes freqüentados, como foi constatado pelos resultados desta pesquisa, potencializam o efeito de proteção das redes. A resiliência nesta população de crianças de baixa renda dependerá da formação de redes de apoio social e afetivo estáveis e eficazes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albarracin, D. Repetto, M. J., & Albarracin, M. (1997). Social support in child abuse and neglect: Support functions, sources, and contexts. *Child Abuse & Neglect*, 21, 607-615.
- Ainsworth, M. D. S. (1996). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. Em C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris. *Attachment Across the Life Cycle*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 4, 709-716.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy. The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Barrera, M. (1986). Distinctions between social support concepts, measures, and models. *American Journal of Community Psychology*, 14, 413-445.
- Barrera, M., & Garrison-Jones, C. (1992). Family and peer and social support as specific correlates of adolescent depressive symptoms, *Journal of Abnormal Child Psychology*, 20, 1-17.
- Benenson, J. F. (1996). Gender differences in the development of relationships. Em G. G. Noam & K. W. Fischer (Orgs.), *Development and vulnerability in close relationships*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bowlby, J. (1969). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: separação, angústia e raiva*. (vol. II). São Paulo: Martins Fontes.
- Boyce, W. T. (1985). Social support, family relations and children. Em S. Cohen, & S. L. Syme (Orgs.), *Social support and health*, (pp.151-173), New York: Academic Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development. *Developmental Psychology*, 6, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research paradigms: Present and future. Em N. Bolger, A. Caspi, G. Downey, & M. Moorehouse

(Orgs.), *Persons in context: Developmental processes*, (pp. 25-49). New York: Cambridge University Press.

Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. Em R. Vasta (Org.). *Six theories of child development*, (pp. 185-246). Greenwich, CT: JAI Press.

Burack, J. A. (1997). The study of atypical and typical populations in developmental psychopathology: The quest for a common science. Em S. S. Luthar, J. A. Burack, D. Cicchetti, & J. R. Weisz (Orgs.), *Developmental psychopathology: Perspectives on adjustment, risk and disorder*, (pp. 139-165). Cambridge: Cambridge University Press.

Cicchetti, D. & Toth, S. L. (1997). Transacional ecological systems in developmental psychopathology. Em S. S. Luthar, J. A., Burack, D. Cicchetti, & J. R. Weisz (Orgs.), *Developmental psychopathology: Perspectives on adjustment, risk and disorder*, (pp. 317-349). Cambridge: Cambridge University Press.

Costa Neto, P. L. (1977). *Estatística*. São Paulo: Edgar Blücher.

Cowan, P. A., Cowan, P. C. & Schulz, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Orgs.), *Stress, coping and resiliency in children and families*, (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Cowen, E. L., Work, W. C., & Wyman P. A. (1997). The Rochester Child Resilience Project (RCRP): Facst found, lessons learned, future directions divined. Em S. S. Luthar, J. A. Burack, D. Cicchetti, & J. R. Weisz (Orgs.), *Developmental psychopathology: Perspectives on adjustment, risk and disorder*, (pp. 527-547), Cambridge: Cambridge University Press.

Craig, G. J. (1996). *Human development*. New Jersey: Prentice-Hall.

Dalgard, O. S., Bjork, S., & Tambs, K. (1995). Social support, negative life events end mental health. *British Journal of Psychiatry*, 166, 29-34.

Dunn, B. (1993). Growing up with a psychotic mother: A retrospective study. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63, 177-189.

Fonseca, C. (1995). *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez Editora.

Garnezy, N, Masten, A., & Tellegan, A. (1984). The study of strees and competence in children: Building block for developmental psychopathology. *Child Development*, 55, 97-111.

Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. Em R. J. Haggerty, L. R. Sherrod, N. Garnezy, & M. Rutter (Orgs.) *Stress, risk, and resilience in children and adolescents: Processes, mechanisms, and interventions*, (pp. 1-18), Cambridge: Cambridge University Press.

Garnezy, N., & Masten, A. (1994). Chronic adversities. Em M. Rutter, E. Taylor, & L. Herzov (Orgs.), *Child and Adolescent Psychiatry*, (pp.191-208). Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Gill, S., Reynolds, A. J., & Pai, S. (1995, abril). Parent types and academic achievement of children at risk: A longitudinal study. *Trabalho apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development*, Indianápolis, EUA.

Gilligan, C. (1982) *In a different voice. Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.

Hutz, C. S., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP: Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida*, 12, 79-86.

Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles, and social support. Em P. B. Baltes, & O. G. Brim (Orgs.), *Life span development and behavior* (Vol. 3), pp. 253-286). New York: Academic Press.

Koller, S. H. & Hutz, C. S. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. *Coletâneas da ANPEPP: Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida*, 12, 11-21.

Levitt, M. J. (1991). Attachment and close relationships: A life-span perspective. Em J. Gewirtz & W. Kurtines (Orgs.), *Intersections with attachment*, (pp. 183-205). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lewis, M. L., & Osofsky, J. D. (1997). Violent cities, violent streets: Children draw their neighborhoods. Em J. D. Osofsky (Org.), *Children in a violent society*, (pp. 277-298). New York: The Guilford Press

Luthar, S. S., & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of reseach on resilience in childhood. *American Journal Orthopsychiatry*, 61,6-22.

Luthar, S. S. (1993). Annotation: Methodological and conceptual issues in research on childhood resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 3, 441-453.

Luthar, S. S. (1995). Social competence in the school setting: Prospective cross-domain associations among inner-city teens. *Child Development*, 66, 416-429.

Masten, A. & Garmezy, N., (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. Em B. B. Lahey, & A. E. Kazdin (Orgs.), *Advances in clinical child psychology*, (pp. 1-52). vol. 8 New York: Plenum Press.

McCubbin, H. I., Patterson, J. M., Bauman, A. & Harris, B. (1981). Family inventory of resources for management. *Family Stress Coping and Health Project*. EUA.

Newcomb, M. D. (1990). Social support and personal characteristics: a developmental and interactional perspective. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9, 54-68.

Nunes, T. (1994). O ambiente da criança. *Cadernos de Pesquisa*, 89, São Paulo.

Pierce, G. R., Sarason, B. R., Sarason, I. G., Joseph, H. J. & Henderson, C. A. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. Em G. R. Pierce, Sarason, B. R., & Sarason, I. G. (Orgs.), *Handbook of social support and the family*, (pp. 3-23). New York: Plenum Press.

Pettit, G. S., Bates, J., & Dodge, K. A. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: A seven-year longitudinal study. *Child Development*, 68, 908-923.

Reppold, C., Kuschick, M., Dani, D., Raffaelli, M., & Koller, S. H. (1996). Relações familiares de crianças em situação de rua. XXVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, SP.

Raffaelli, M. Crianças e adolescentes de rua na América Latina: Artful Dodger ou Oliver Twist? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 123-128.

Robinson, N.S. & Garber, J. (1995). Social support and psychopathology across life span. Em D. Cicchetti, & D. Cohen (Orgs.), *Developmental psychopathology*, Vol. 1: *Theory and methods* (pp.162-209). New York: Wiley-Interscience.

Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316-331.

Rutter, M. (1991). Childhood experiences and adult psychosocial functioning. Em G. R. Bock & J. Whelan (Eds.), *The childhood environment and adult disease* (pp. 190-208). New York: Wiley-Interscience.

Rutter, M., Quinton, D., & Hill, J. (1992). Adult outcome of institution-reared children: Males and females compared. Em Robins, L.N., & Rutter, M. (Orgs.) *Straight & devious pathways from childhood to adulthood*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Rutter, M., Quinton, D., & Hill, J. (1992). Adult outcome of institution-reared children: Males and females compared. Em Robins, L.N., & Rutter, M. (Orgs.) *Straight & devious pathways from childhood to adulthood*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rutter, M. (1993). Resilience: Some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health, 14*, 626-631.
- Samuelsson, M., Thernlund, G., & Ringström, J. (1996). Using the five field map to describe the social network of children: A methodological study. *International Journal of Behavioral Development, 19*, 327-345.
- Siegel, S. (1956) *Estatística não-paramétrica*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development, 48*, 1185-1199.
- Werner, E. E. (1989). High-risk children in young adulthood: A longitudinal study from birth to 32 years. *American Journal of Orthopsychiatry, 59*, 72-81.
- Werner, E. & Smith, R. (1992). *Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood*. (pp. 55-81). New York: Cornell University Press.
- Zamberlan, M. A. T., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997). Ambientes domiciliares de famílias de baixa-renda de área urbana. Em M. A. T. Zamberlan, & Z. M. M. Biasoli-Alves. *Interações familiares: Teoria, pesquisa e subsídios de intervenção*. Londrina: Editora UEL.
- Zimmerman, M., & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy., *Social Policy Report, 8*, 1-18.

ANEXO I

MAPA DOS CINCO CAMPOS

Nome:

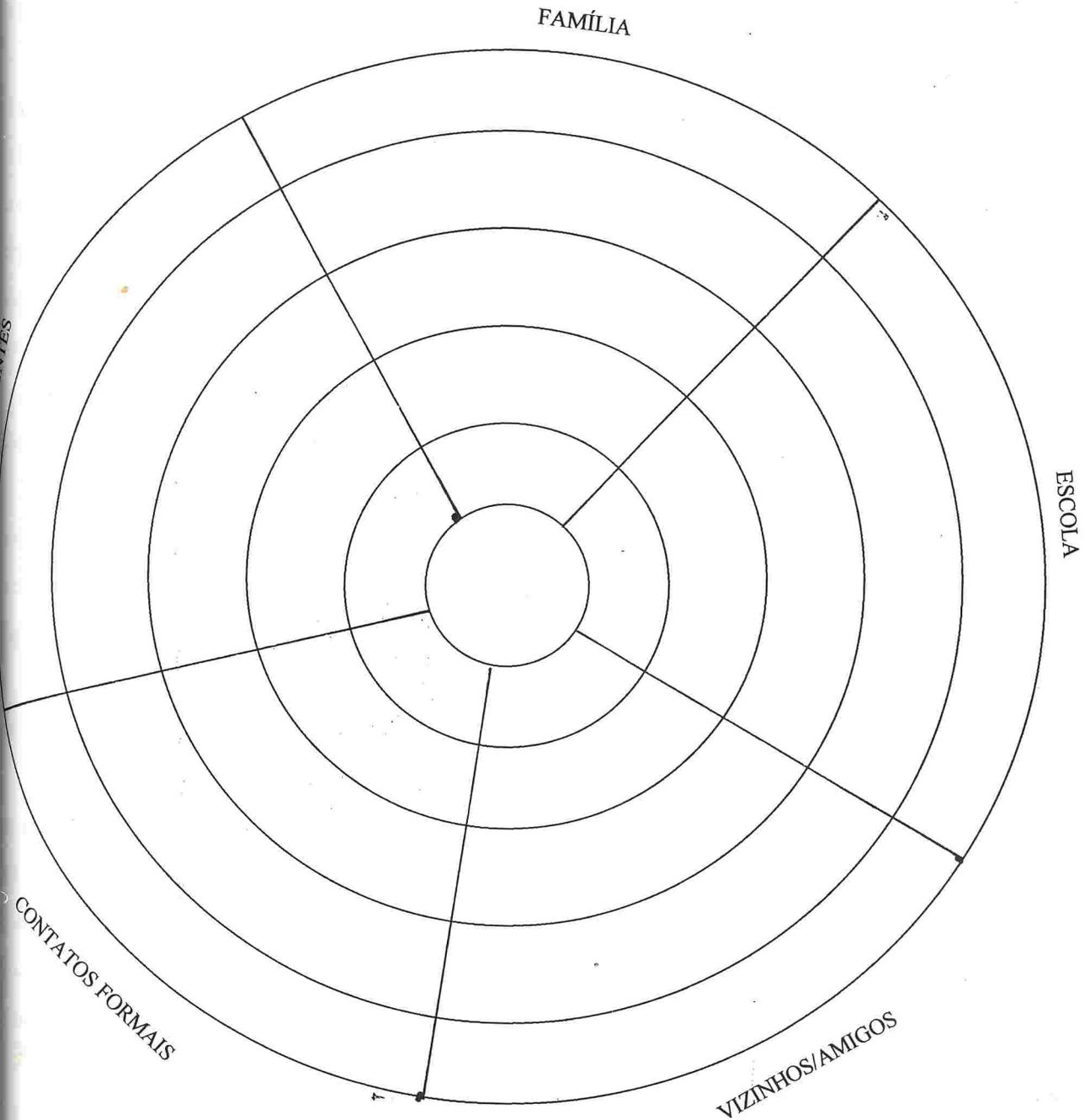
Idade:

Data de aplicação:

Tempo de Duração:

- + Conflito na relação
- # Rompimento da relação

- S Satisfação nas relações (Gosta do ambiente.)
- I Insatisfação nas relações (Não gosta.)



## MAPA DOS CINCO CAMPOS:

### INSTRUÇÕES PARA APLICAÇÃO

Dispor o quadro à frente da criança e a caixa com as fichas ao lado.

“- Aqui têm cinco círculos (Apontar cada círculo e contar com a criança). No círculo do meio está você (colocar uma ficha circular representando a criança). Em cada fatia do círculo estão as pessoas com quem você convive. Elas ainda não estão aqui porque é você quem vai colocá-las em cada espaço.”

Apresentar as fichas mostrando como fixá-las ao quadro, identificando com a criança a representação de crianças, adolescentes e adultos:

“ Aqui estão algumas figuras que podem representar estas pessoas que você vai citar: um homem, uma mulher, um jovem (nem adulto, nem criança) de cada sexo, um menino e uma menina. Você vai colocá-las em volta deste círculo central: quanto mais perto do meio, onde está você, mais você gosta; quanto mais longe, menos você gosta. No último círculo (da periferia) você colocará aquelas pessoas que você não gosta (mau relacionamento). Compreendeu o que você precisa fazer? Explique, então o que você vai fazer.”

O pesquisador vai certificar-se de que a criança compreendeu as instruções iniciais e introduzirá os campos do círculo:

- “No quadro existem cinco fatias: uma para a Família, outra para os Parentes, outra para a Escola, uma para os Vizinhos e Amigos e a quinta para Outros lugares que você frequenta. Você pode começar por onde desejar. Por onde você quer começar? (Esperar que a criança mencione o campo que deseja iniciar).

“Bem, você escolheu ... “ Explicar em que consiste o campo escolhido conforme as seguintes definições:

**Família:** “ Bem, você escolheu a família, então aqui você pode incluir as pessoas que moram na mesma casa que a sua, como mãe, pai, padrasto madrasta (se for o caso), irmão, irmã, e outros que vivem com você.” Repetir, aqui, as pessoas mencionadas na Constelação Familiar descrita pela criança na Entrevista Inicial. Quando a criança concluir a colocação das fichas sobre o Mapa, o pesquisador solicitará que identifique as pessoas que estão sendo representadas. Será registrado a classificação na Folha de Registro. A criança

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRGS  
BIBLIOTECA

também será questionada quanto a possibilidade de existência de conflito ( / ) entre ela e a pessoa representada, rompimento de relações ( # ) e a classificação de satisfação ( S ) ou insatisfação ( I ) neste campo de vida. O questionamento será o seguinte:

“- Você se dá com esta pessoa? Ou não? Existe algum problema, ou briga entre você e esta pessoa ?” Indicar cada pessoa, se for confirmado rompimento de relação ou conflito, com o sinal correspondente. “- Você gosta da convivência com estas pessoas?” A resposta a esta pergunta será registrada com S (satisfação) ou I (Insatisfação) ao lado do campo correspondente.

Caso a criança mencione espontaneamente o conflito e o rompimento quando estiver colocando a pessoa no quadro, não será questionada outra vez sobre a relação. Somente após a conclusão de cada uma das etapas serão dadas instruções para o preenchimento do campo seguinte.

**Parentes:** “Nela você pode incluir os seus parentes que não moram na mesma casa que a sua. Podem ser tios, primos, avós, padrinhos ou outros.” Novamente, espera-se o preenchimento deste campo, a identificação de pessoas importantes, de existência de conflito ou rompimento de relações e a qualificação de satisfação ou insatisfação neste setor.

**Escola:** “Na escola, você deve colocar pessoas com quem você convive na sua escola como professoras, colegas de aula, ou funcionários.” Seguir com a classificação de conflito, rompimento e satisfação/insatisfação.

**Amigos/Vizinhos:** “Na fatia amigos/vizinhos você poderá incluir pessoas que moram perto de sua casa, ou mesmo que morem longe, mas que você considere amigos.”

**Contatos Formais (Outros) :** “Nessa fatia (apontar: Outros) você vai escolher as pessoas que conhece de algum lugar que costuma ir, como igreja, clube, posto de saúde ou outro que você lembre.”

MAPA DOS CINCO CAMPOS: FOLHA DE REGISTROS

Nome da criança:

Data:

Idade: Data de Nascimento:

Série:

**FAMÍLIA:** Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**PARENTES:** Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**ESCOLA:** Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

.....  
 .....  
**VIZINHOS/AMIGOS:** Ordem de escolha: 1°. 2°. 3°. 4°. 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

.....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

.....  
 .....  
**CONTATOS FORMAIS:** Ordem de escolha: 1°. 2°. 3°. 4°. 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

.....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

Se precisasse de ajuda, a quem pediria? .....

	No. Pessoas	No. Crianças	No. Adolesc.	No. Adultos	Contatos Negativ.	Conflitos	Rompi-mentos	Sat/Insat	
								S	I
Família									
Parentes									
Escola									
Viz. Ami									
Cform									
TOTAL									

ANEXO II

REPRESENTAÇÃO DE FIGURAS A SEREM FIXADAS NO QUADRO DE FELTRO  
PELA CRIANÇA

Figuras Femininas

CRIANÇA

ADOLESCENTE

ADULTO

Figuras Masculinas

CRIANÇA

ADOLESCENTE

ADULTO

ANEXO II

REPRESENTAÇÃO DE FIGURAS A SEREM FIXADAS NO QUADRO DE FELTRO PELA CRIANÇA

Figuras Femininas

CRIANÇA



ADOLESCENTE

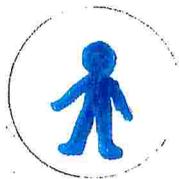


ADULTO



Figuras Masculinas

CRIANÇA



ADOLESCENTE



ADULTO



## ANEXO III

### ENTREVISTA COM A CRIANÇA

1. Como te chamas?
2. Que idade tens?
3. Tens irmãos? Quantos anos eles têm?
4. Como é o nome da tua mãe e do teu pai?
5. O que eles fazem?
6. Com quem tu moras?
7. Aonde tu moras?
8. Faz tempo que estudas nesta escola?
9. Gostas da escola? E da professora?
10. Como tu vens para a escola?

Eventos de Vida descritos pela criança:

1. Eu gostaria que tu contasses como tem sido tua vida ultimamente. Que coisas importantes aconteceram contigo?
2. Que coisas boas aconteceram contigo ultimamente?
3. Que coisas ruins aconteceram contigo ultimamente?
4. Alguém gritou contigo ultimamente?
5. Alguém brigou contigo ultimamente?
6. Tu já viste alguém brigando? Como foi? Quando?
7. Alguém já te machucou? Como foi? Quando?

## ANEXO IV

### ENTREVISTA COM A FAMÍLIA

Data:

#### 1. 0 IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA

- a. Nome da criança:
- b. Data de Nascimento:
- c. Idade:
- d. Sexo:
- e. Cor:
- f. Naturalidade:
- g. Endereço:
- h. Escola:
- i. Série:

#### 2. 0 IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

- a. Nome da mãe:
- b. Idade:
- c. Cor:
- d. Naturalidade:
- e. Estado Civil:
- f. Escolaridade:
- g. Profissão:
- h. Endereço:
- i. Nome do pai:
- j. Idade:
- k. Cor:
- l. Naturalidade:
- m. Estado Civil:
- n. Escolaridade:
- o. Profissão:
- p. Endereço:
- q. Número de filhos:
- r. Filhos mortos:
- s. Abortos:
- t. Filhos em situação de rua:
- u. Número de pessoas que moram no lar:
- v. Renda familiar:
- x. Genetograma:

#### 3.0 HISTÓRIA FAMILIAR

- a. Número de casamentos da mãe:
- b. Número de casamentos do pai:
- c. Como se conheceram e como foi o casamento:
- d. Como era a vida antes do casamento:
- e. Idade da mãe na primeira gravidez:
- f. Como é um dia de rotina na vida da família:
- g. Como são os dias de lazer (sábado, domingos e feriados):
- h. História de doenças na família tratamentos, importância para a família:
  - Física, Mental, Dependência de Drogas, Alcool ou Fumo:
  - Duração, tipo de tratamento, internação:
  - Grau de importância para a família: ( ) pouco importante ( ) importante ( ) muito importante

#### 4.0 EVENTOS DE VIDA

##### 4.1 POBREZA

- a. O que pensa do local onde mora (vila, área verde, beco ou fundo de terreno)?
- b. O seu caso é como o das pessoas em geral?
- c. O que é ser pobre?
- d. Por que as pessoas são pobres?
- e. O que deveria acontecer para melhorar a situação?
- f. O que está fazendo para isto?

##### 4.2 MORADIA

- a. Condições de moradia?
- b. Quanto tempo moram nesta casa?
- c. Quantas vezes mudaram-se?
- d. Motivo das mudanças:
- e. Gostaria de mudar-se no momento e por quê?

##### 4.3 DESEMPREGO

- a. Quem e quanto tempo?
- b. Motivo:
- c. O que faz atualmente?
- d. Sua opinião sobre esta situação?
- e. O que ajudaria para modificar esta situação?

##### 4.4 VIOLÊNCIA

- a. No local onde mora existe violência e qual?
- b. Já assistiu assalto ou morte?
- c. E as crianças?
- d. Já foi roubada ou a casa invadida?
- e. O que acontece que lhe deixa bravo?
- f. Como são as brigas em casa?
- g. A criança assiste as brigas?
- h. Como a cr. reage diante das brigas?
- i. Como é a briga entre irmãos?
- j. O que poderia acontecer para mudar esta situação?

##### 4.5 OUTROS EVENTOS DE VIDA

- a. Perda de pessoa querida: quem, quando e como foi sentida.
- b. Suicídio: quem e quando.
- c. Prisão: quem e quando.
- d. Gravidez de adolescente.
- e. Problemas na família que considera importantes:

##### 4.6 APOIO SOCIAL

- a. Frequentam algum centro comunitário?
- b. Frequentam outro tipo de instituição (religiosa ou social)?
- c. O que fazem lá?
- d. Recebem algum tipo de ajuda?
- e. Quando necessita ajuda, a quem recorre?

##### 4.7 EXPECTATIVAS DE VIDA

- a. Se pudesse escolher, como seria sua vida?
- b. O que precisaria acontecer para ser feliz?

c. Quais são os planos para o futuro (seu, dos filhos):

#### 4.8 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO FILHO

a. Atualmente, o que pensa que ele(a) vai ser?

b. Quando ele(a) for adolescente, como e o que vai ser?

c. E na vida adulta, o que espera?

d. Quando pensa na criança que imaginava, e no que é hoje, como se sente?

## ANEXO V

### INVENTÁRIO SOBRE OCORRÊNCIA DE EVENTOS DE RISCO NA VIDA DAS CRIANÇAS E DA FAMÍLIA

(Baseado em McCubbin, Patterson, Bauman, & Harris, 1981)

Indicar ausência (0) ou presença (1) de cada um dos itens abaixo:

*Condições sócio-econômicas baixa:*

- |  |   |   |
|--|---|---|
| 1. Desemprego :.....   | 0 | 1 |
| 2. Moradia (própria: 0, alugada, cedida, invasão: 1):.....           | 0 | 1 |
| 3. Aumento de despesas ou dívidas na família nos últimos meses:..... | 0 | 1 |

*Relacionamento familiar:*

- |  |   |   |
|--|---|---|
| 4. Violência na família: .....                     | 0 | 1 |
| 5. Separação do casal: .....                       | 0 | 1 |
| 6. Brigas entre os filhos: .....                   | 0 | 1 |
| 7. Problemas com a lei (prisão e intimação): ..... | 0 | 1 |
| 8. Irmão ou irmã saíram de casa: .....             | 0 | 1 |
| 9. Abuso sexual: .....                             | 0 | 1 |
| 10. Ausência do pai: .....                         | 0 | 1 |

*Saúde familiar:*

- |   |   |   |
|---|---|---|
| 11. Doença mental na família (crise aguda, doença crônica): ..... | 0 | 1 |
| 12. Internação hospitalar: .....                                  | 0 | 1 |
| 13. Tentativa de suicídio: .....                                  | 0 | 1 |
| 14. Uso de drogas: .....  | 0 | 1 |
| 15. Doença física: .....  | 0 | 1 |
| 16. Morte na família: .....                                       | 0 | 1 |
| 17. Acidentes com seqüelas físicas na família: .....              | 0 | 1 |

*Outros eventos significativos:*

- |   |   |   |
|---|---|---|
| 18. Gravidez não desejada ou de alto risco: .....                             | 0 | 1 |
| 19. Perda ou dano à propriedade familiar (incêndio, roubo ou acidente): ..... | 0 | 1 |
| 20. Violência na vizinhança:.....   | 0 | 1 |
| 21. Ausência da mãe:.....   | 0 | 1 |

ANEXO VI

MAPA DOS CINCO CAMPOS

Nome: J. M. S.

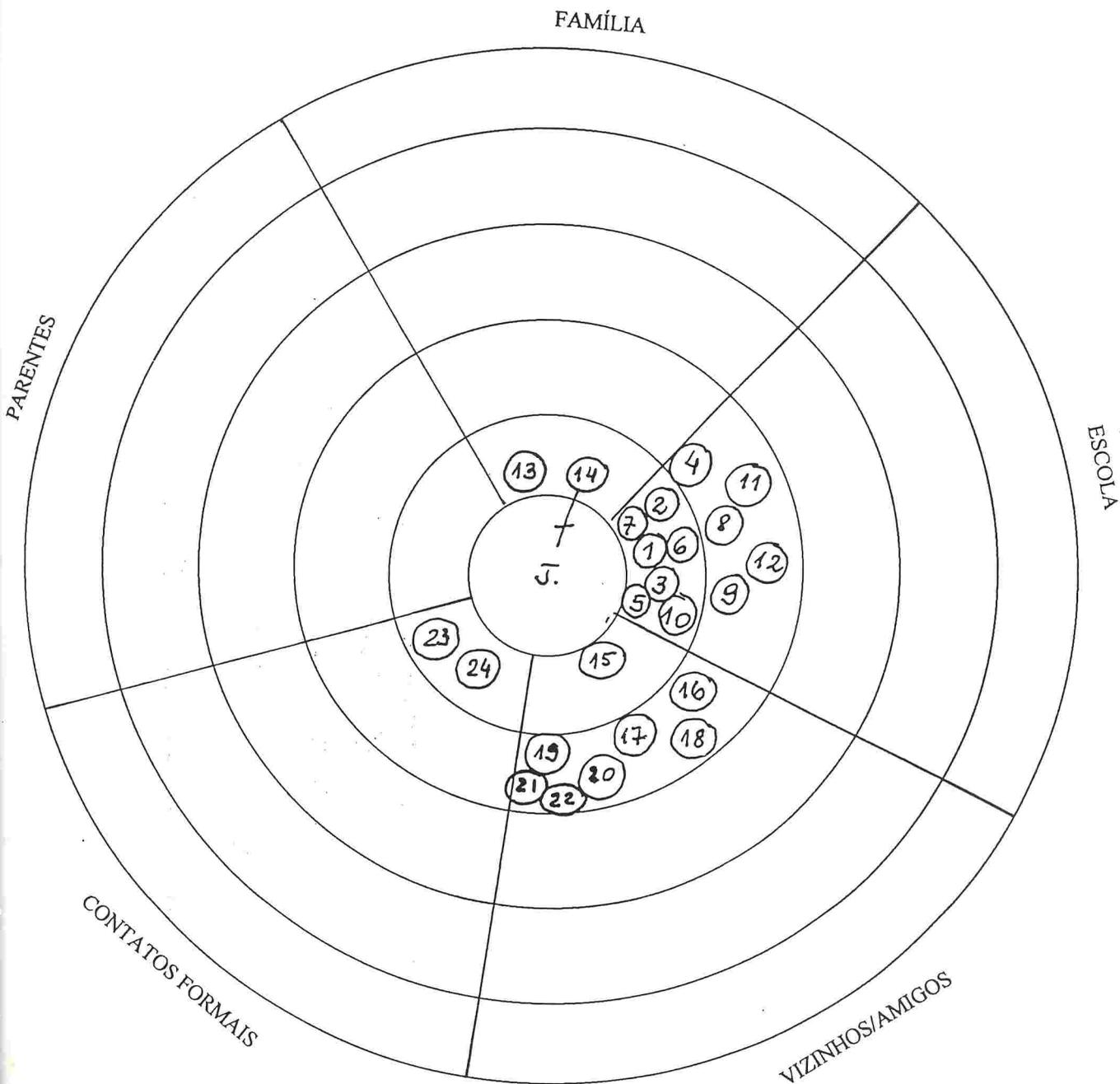
Idade: 8 anos

Data de aplicação: 10.12.86

Tempo de Duração: 25 min

+ Conflito na relação  
# Rompimento da relação

S Satisfação nas relações (Gosta do ambiente.)  
I Insatisfação nas relações (Não gosta.)



MAPA DOS CINCO CAMPOS: FOLHA DE REGISTRO

Nome da criança: J. M. S.

Idade: 8a Data de Nascimento: 10.12.96

Data: 10.12.96

Série: 1A

FAMÍLIA: Ordem de escolha: 1° 2° 3° 4° 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

13 Mãe } "Eles gostam muito de mim."  
14 Pai } não sabe idade  
Obs: O pai bebe e bate em J. e em sua mãe.

PARENTES: Ordem de escolha: 1° 2° 3° 4° 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

"Não tenho parentes, já te falei. Já chorei até!"

ESCOLA: Ordem de escolha: 1° 2° 3° 4° 5°. Satisfação / Insatisfação Muito Satisfeita

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

1 D. colega de aula  
2 M. " "  
3 M. " "  
4 J. " "  
5 M. Professora "querida, minha querida"  
6 Diretora da escola  
7 Pesquisadora  
8 A. colega de aula

9 M. Colega de aula ..... 10 F. Colega de aula .....  
 11 L. Pesquisadora ..... 12 D. " " .....

VIZINHOS/AMIGOS: Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

15 G. vizinho no emprego da mãe (adulto).  
 16 J. " na vila "É prá lá que eu vou quando meus pais brigam." (Adulto)  
 17 Dona G. casada com J, seu vizinho.  
 18 D. neta (5anos) destes vizinhos  
 19 J. neto (8anos) destes "  
 20 R. outro vizinho (adulto)  
 21 M. "Me traz pro colégio. Mora perto do emprego da mãe." (criança)  
 22 G. amiga da emprego da mãe (adulto)

CONTATOS FORMAIS: Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

23 B. advogado. "Trabalha no prédio onde a mãe faz faxina"  
 24 P. " colega de B.

Se precisasse de ajuda, a quem pediria? Colega de aula, professora.....

	No. Pessoas	No. Crianças	No. Adolesc.	No. Adultos	Contatos Negativ.	Conflitos	Rompimentos	Sat/Insat S	I
Família	2	-	-	2	-	1	-	X	
Parentes	-	-	-	-	-	-	-		X
Escola	12	8	-	4	-	-	-	X	
Viz.Ami	8	3	-	5	-	-	-	X	
Cform	2	-	-	2	-	-	-	X	
TOTAL	24	11		13	-	1	-		

ANEXO VII

MAPA DOS CINCO CAMPOS

Nome: I. J. S. S.

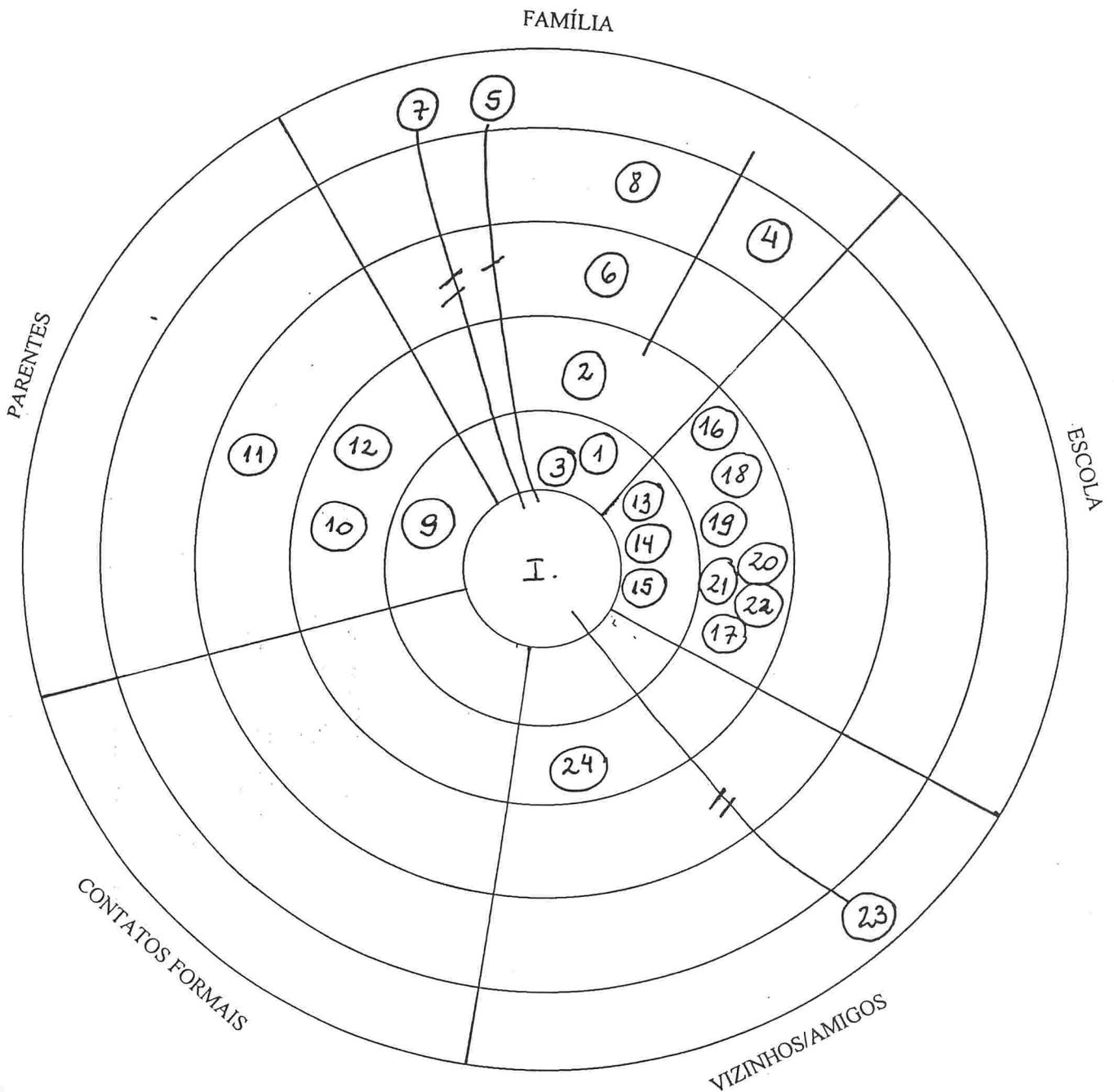
Idade: 9m 6m

Data de aplicação: 26.11.96

Tempo de Duração: 35 min

+ Conflito na relação  
# Rompimento da relação

S Satisfação nas relações (Gosta do ambiente.)  
I Insatisfação nas relações (Não gosta.)



MAPA DOS CINCO CAMPOS: FOLHA DE REGISTROS

Nome da criança: I. J. S. S.

Data: 26.11.86

Idade: 9a 6m Data de Nascimento: 08.05.87

Série: 12

FAMÍLIA: Ordem de escolha: 1º 2º 3º 4º 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

- 1 M. 5 anos, irmã
- 2 L. 11 anos, irmã
- 3 N. não sabe idade, mãe
- 4 O. " " " pai " Mora em outra vila com outra família!"
- 5 F. 25a, irmã, mora na casa ao lado com o marido e a filha.
- 6 A. 6a, sobrinha, filha de F.
- 7 F. não sabe idade, marido de F. (irmã) "Ele bebe, briga e bate na gente."
- 8 Padrasto

PARENTES: Ordem de escolha: 1º 2º 3º 4º 5º. Satisfação / Insatisfação

Meio insatisfeito  
porque não vê  
seus parentes com  
frequência.

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

- 9 Primo, não sabe o nome nem idade (criança)
- 10 Primo, " " " " " " ( " )
- 11 Prima, C. não sabe a idade (criança)
- 12 Avó,

Obs: - Viu os primos somente uma vez e gostou deles.  
- Pensou em incluir o avô e avó materna, já mortas.  
Desistiu. " Gosto deles, nunca conheci, mas a mãe  
fala bastante.

ESCOLA: Ordem de escolha: 1º 2º 3º 4º 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

- 13 M. não sabe idade, professora
- 14 M. 7 anos, colega de aula
- 15 F. não sabe idade = colega de aula
- 16 J. " " " " " "
- 17 J. 7 anos " " "
- 18 M. 8 " " " "
- 19 F. 8 " " " "
- 20 Diretora

21 vice-diretora  
 22 funcionária

VIZINHOS/AMIGOS: Ordem de escolha: 1°. 2°. 3°. 4° 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

23 Irmão de C (ad) "Dei nele porque baixou as calças"  
 24 C. amiga (cr.) para minha irmã.

CONTATOS FORMAIS: Ordem de escolha: 1°. 2°. 3°. 4°. 5°. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada - Idade - Relação com a criança - Observações

Se precisasse de ajuda, a quem pediria? Mãe

	No. Pessoas	No. Crianças	No. Adolesc.	No. Adultos	Contatos Negativ.	Conflitos	Rompi-mentos	Sat/Insat	
								S	I
Família	8	3	-	5	2	1	1	X	
Parentes	4	3	-	1	-	-	-		X
Escola	10	6	-	4	-	-	-	X	
Viz.Ami	2	1	1	-	1	-	1	X	
Cform	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	24	14	-	10	3	1	2		

